

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Samantha Valério Parente Souza

***Letras tristes: a experiência da epilepsia em escritos
autobiográficos do final do século XIX ao início do século XX.***

Monografia apresentada ao Departamento
de História da PUC-Rio como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura e Bacharel em História.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Margarida de Souza Neves

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 2009.

**Ao meu marido Carlos, meu
companheiro de todas as horas.**

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus, pois é nele que busco forças para continuar todos o dias.

Um agradecimento mais que especial para meus pais e meus tios Luciana e Carlos Alberto que desde o primeiro dia me apoiaram e que nos últimos dois anos têm sido anjos da guarda do meu pequeno príncipe Carlos Eduardo, para que eu tenha tranquilidade para estudar.

Agradeço a todos os professores do departamento e em especial ao professor Ilmar Rohloff de Mattos por suas aulas inesquecíveis, pelo seu carinho e dedicação para comigo. À professora Flávia Eyler pelo seu olhar sorridente e por ter nos ensinado verdadeiro significado da palavra solicitude. Ao professor Maurício Parada por suas críticas sempre construtivas e por sua amizade sincera. A professora Márcia Gonçalves por sua compreensão e pela desvelada atenção com que sempre me tratou nos corredores. A professora Graça Salgado por suas magníficas aulas que sempre nos emocionavam. A professora Heloísa Serzedello Correia com quem tive o prazer não só de ter aulas, mas também de trabalhar durante quatro anos e ter a oportunidade de aprender mais a cada dia.

Um agradecimento particular a professora Margarida de Souza Neves, nossa querida Guida, por sua orientação sempre muito cuidadosa e crítica. Agradeço também por sua constante preocupação não só comigo, mas também com minha família, com Guida aprendi o verdadeiro significado da palavra solidariedade. Muito obrigada por sua confiança e por nunca ter desistido de mim.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo desta caminhada e que sempre estiveram ao meu lado, tanto nos momentos bons quanto nos ruins. Muito abrigada Roberto César Azevedo, Priscila Santos Vieira, Paulo Henrique Motta, Andréa Mota, Renata Silva Santos, Gisele Caroline, Aline dell'Orto, Ana Laura Fonseca, Luisa Miranda, Ana Beatriz, Mariana Lapagesse, Maria Aparecida Santos, Aderivaldo Ramos de Santana, Anderson Ramos, Eduardo, Leandro Cavalcante, Anderson Ignácio (Molonzinho), Leandro Janke (gatinho da História), Mário Miranda (gatinho da História 2), Pablo Matos, Rafael, Marcelo Gobira, João Marcelo (Janjão), Leonardo Martins (menino de ouro da pesquisa), Rebecca

Coscareli, Moises Rubens, Patrícia Grigório, Agnes e tantos outros que não estão presentes, mas que com certeza estão em meu coração.

Um agradecimento muito mais que especial a duas amigas que amo muito, Joice Santos e Paloma Brito. Ambas que em muito tem me ajudado nos últimos meses, não só no que diz respeito a minha vida acadêmica, mas também a particular. Por sua paciência, constante preocupação e, sobretudo pelo carinho a que me dedicam. Agradeço a Joice por se fazer presente quase vinte quatro horas por dia não só de corpo presente, mas quando isso não é possível, faz através do telefone, Google Talk, MSN, Skype, Orkut, mensagens de texto SMS e por fim, e-mail quando nada disso funciona. Muito obrigada amigas por seu indispensável e insubstituível apoio.

Gostaria de agradecer também aos funcionários do departamento Cleusa, Anair, Claudio, Edna e Moisés por terem cuidado de mim nestes cinco anos como seu eu fosse alguém de sua família, por terem me dado forças nos momentos de dificuldades e principalmente por alegrarem todos os meus dias.

Um muito obrigado também a Vice Reitoria Comunitária por ter viabilizado minha inserção na PUC e ao FESP por me ajudar a chegar até o final.

Um agradecimento final e o mais importante ao meu marido Carlos Eduardo Nascimento Souza, que foi o primeiro a acreditar em mim. Foi aquele que nesses cinco anos de graduação nunca reclamou das noites que dormiu sozinho enquanto eu estudava, das viagens que fiz a trabalho e o deixei sozinho cuidando do nosso filho, dos dias inteiros que passei na frente do computador produzindo trabalhos, relatórios e por fim monografia. Muito obrigado por sua compreensão e amor, sem você com certeza não teria chegado aonde cheguei!

Resumo

Este trabalho trata da experiência da epilepsia em depoimentos autobiográficos de pessoas com epilepsia do final do século XIX e início do XX. A documentação utilizada foi a correspondência trocada entre Machado de Assis, Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo e o livro autobiográfico deste último, uma carta autobiográfica da condessa de Iguassú e teses médicas sobre epilepsia do período demarcado.

Esses relatos têm relevância devido a seu caráter confessional, e por serem escritos em um tempo em que a medicina não conhecia as causas da doença e, conseqüentemente, tinha uma limitação para controlar a doença, o que potenciava os preconceitos sociais que cercavam a epilepsia. Estes escritos são extremamente raros, pois a epilepsia era um tema tabu e cercado de estigmas e preconceitos, uma vez que esta doença era constantemente relacionada à imoralidade, à degenerescência, que poderia levar a loucura e segundo a medicina da época todo *epilético* era um criminoso em potencial. Portanto nenhuma pessoa gostaria de ser vista como tal.

Palavras-chave:

Biografia, autobiografia, História da Ciência e epilepsia.

Abstract

This work deals with the experience of epilepsy in autobiographical reports of people with epilepsy in the end of the XIXth century and beginning of the XXth. The documents used were the mail changed between Machado de Assis, Mario de Alencar and Carlos Magalhães de Azeredo; Magalhães de Azeredo's autobiography, a letter by Iguassú's Countess; and medical theses about epilepsy in the period.

These accounts have relevance due to its confessional character, and to have been written in a time in which medicine did not know the causes of the syndrome and, in consequence, had a limitation to control it, what increased the social prejudices that surrounded epilepsy. These writes are extremely rares, because epilepsy was a taboo and surrounded by stigmas and prejudices, once the disease was constantly related to immorality, to degeneration, that could lead to madness and according to the doctors of those days all the *epileptics* were potential criminals. So, anyone would like to be considered *epileptic*.

Keywords:

Biography, autobiography, History of Science and epilepsy.

ÍNDICE

Introdução.....	5
<i>Capítulo I - Um mal sem nome.....</i>	9
<i>Capítulo II – A Tríplice Coroa.....</i>	26
<i>Capítulo III – O fantasma vestido de negro.....</i>	39
Conclusão.....	50
Anexo	52
Bibliografia.....	61

Introdução

“Todo mundo já nasce historiador, é só aprender a historiar.”
Ilmar Rohloff de Mattos.

Este trabalho é a da concretização da realização de um sonho, o sonho de ingressar em uma universidade e de poder me formar em História. Mas sempre achei que este seria um sonho inatingível. Cresci ouvindo que minha única conquista seria um fogão e uma penca de filhos para cuidar, mas nunca perdi a esperança e, com o incentivo do meu marido Carlos que sempre acreditou em mim, entrei para um pré-vestibular comunitário vinculado a EDUCAFRO. Foi um período bem difícil, pois trabalhava o dia inteiro de segunda a sábado e ainda tinha minhas responsabilidades domésticas, o curso era de sete as dez da noite, a essa hora já estava esgotada e não conseguia acompanhar as aulas como os outros alunos, que eram mais jovens e com menos responsabilidades que eu.

O ano passou e não queria prestar vestibular para PUC-Rio, pois era muito distante, tinha que trabalhar e, na verdade, não acreditava que tivesse capacidade para passar para uma universidade de excelência como essa. Quem conseguiu finalmente me convencer foram dois professores, que também eram estudantes da PUC-Rio, Cida e Israel, ela fazia História e ele Engenharia. Como sabiam da minha dificuldade sugeriram que tentasse para o curso de Letras, que não era um curso muito concorrido e, portanto seria mais fácil de passar. Sem muita convicção fiz a prova e alguns dias depois à meia noite e meia, Israel me ligou e deu a notícia que eu conseguira passar, que agora já podia me considerar uma filha da PUC... E assim consegui ultrapassar mais uma dificuldade.

Comecei a freqüentar as aulas no curso de Letras e percebi que realmente ali não era o meu lugar. Orientada pela Cida, no semestre seguinte comecei a puxar algumas matérias de História para que pudesse pedir transferência de curso depois. Já nas primeiras aulas do curso de História tive a confirmação de que deveria seguir em frente, pois encontrara minha verdadeira vocação, só era necessário aprender o ofício, aprender como disse o professor Ilmar de Mattos, a *historiar*. Fiquei fascinada com a aula de Tutoria I ministrada pela professora Margarida de Souza Neves, me lembro até hoje de sua aula sobre mapas e de como eles são apenas representações do mundo carregadas de intencionalidades.

Assim como as aulas de História Medieval com a professora Flávia, que nos apresentava um mundo tão diferente do nosso e por isso tão difícil de entender.

E assim foi minha imersão neste fascinante mundo da História, e qual não foi minha surpresa, no semestre seguinte consegui passar em uma seleção para participar de um grupo de pesquisa no departamento. Desta forma poderia ter alguma remuneração sem sacrificar meus estudos. Foi na participação neste grupo de pesquisa que realmente aprendi a *historiar*, pude colocar em prática todo aquele conhecimento que apreendia das disciplinas, tive a oportunidade de exercer precocemente o ofício do historiador. Claro que minhas primeiras tarefas no grupo não foram tão estimulantes, como entrei já no meio do caminho da pesquisa, Guida me deu a tarefa de atualizar os acervos para o site, era para ver se havia tido alguma mudança quanto ao horário de funcionamento, telefone, essas coisas que é primordial saber antes de ir aos arquivos e bibliotecas.

Um trabalho que em um primeiro momento pensei que seria chato, me abriu horizontes com relação à escolha do meu sub-tema dentro da pesquisa. Durante uma ligação para o Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, a fim de confirmar alguns dados do acervo, Antonio que era quem tomava conta do arquivo, me fez várias perguntas sobre o projeto em que eu trabalhava. Muito falante, me deu a informação que lá havia uma documentação sobre uma mulher esposa de um importante comerciante de Iguassú e uma biografia da Condessa de Iguassú, filha ilegítima de D. Pedro I com a Marquesa de Santos, ambas com epilepsia. E que se eu quisesse examinar esta documentação ela estaria à minha disposição, inclusive para fotografar. Na reunião seguinte contei à Guida e ela ficou super entusiasmada, me deu a câmera fotográfica e instruções de como fotografar documentos antigos sem danificá-los. Assim que tive chance fui ao arquivo, examinei a documentação e a fotografei, foi meu primeiro contato com fontes primárias. Achei tudo o máximo, me senti a historiadora!

A biografia da condessa de Iguassú se mostrou uma documentação muito rica que eu poderia explorar como um sub-tema, Guida apontou a escassez de escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia na temporalidade do projeto, por conta da carga negativa que há sobre a síndrome e, conseqüentemente, sobre as pessoas que a têm. A primeira preocupação de Guida foi se eu conseguiria encontrar mais escritos autobiográficos, tais como a carta publicada na biografia da condessa. Guida me deu a informação de que Machado de Assis tinha epilepsia

e que se lembrava de ter lido que ele mencionara sua doença a Joaquim Nabuco em uma carta certa vez. Falou para que corresse atrás disto e visse no que dava, pois caso não encontrasse nada seria necessário buscar um novo objeto de estudo.

Qual não foi a minha sorte já em minha primeira visita a biblioteca da Academia Brasileira de Letras, encontrei um livro com a correspondência trocada entre Machado e alguns amigos, me deparei com um conjunto de cartas trocadas entre ele e Mário de Alencar, filho de José de Alencar, em que o principal assunto tratado era a epilepsia. Fiquei extremamente feliz e corri para contar à Guida que não seria necessário mudar de tema, pois havia encontrado uma documentação que daria muitos frutos.

Um tempo depois durante uma reunião Guida me disse que havia recebido um e-mail do professor Leonardo Affonso de Miranda Pereira, com a informação de que um outro acadêmico também tinha epilepsia e escrevera um livro autobiográfico. Fui atrás deste livro e descobri que havia uma publicação com toda correspondência trocada entre ele e Machado de Assis, e em muitas destas missivas o tema da epilepsia era discutido pelos dois escritores. Pronto! Daqui por diante depois do levantamento documental, parti para o levantamento bibliográfico, para a busca dos conceitos teóricos que dariam suporte à minha análise documental.

Mas o pior ainda estava por vir, tive de enfrentar várias greves da Biblioteca Nacional, e barreiras mil que me impediram até o ano passado de ter acesso aos arquivos dos acadêmicos na ABL. Passei por muitos momentos de desânimo, mas no final deu tudo certo, está aqui minha monografia como a concretização desta longa caminhada.

Para construção deste trabalho a documentação utilizada está constituída pelas teses médicas do corte cronológico que delimita o projeto, uma carta autobiográfica da condessa de Iguassú e sua biografia escrita por Carlos Maúl, a correspondência trocada por Machado de Assis, Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo e o livro de memórias deste último escritor.

No primeiro capítulo intitulado “*Um mal sem nome*” apresento como estas quatro pessoas utilizam a missiva como “*espaço de sociabilidade do*

privado”¹, é neste espaço que eles se representam da maneira como são representados nas teses médicas, e também é possível constatar como a epilepsia tem diversos nomes e ao mesmo tempo não pode ser nominada.

No segundo capítulo “*A tríplice Coroa*” demonstro como a epilepsia divide esses homens e mulher entre dois mundos, “*o mundo dos sãos e o mundo dos doentes*”², o que a epilepsia é para cada um deles e o papel da ABL na vida dos três escritores na chave do conceito cunhado por Angel Rama de “*ciudadela letrada*”.³

No terceiro capítulo “*O Fantasma Vestido de Negro*”⁴, trato dos diversos medos que os médicos, a sociedade e os que tem epilepsia têm em relação à síndrome e como lidam com ela em seu dia a dia.

Este presente trabalho é a prova empírica de que foram cinco anos que busquei o conhecimento, busquei aprender como disse professor Ilmar, a *historiar*, a aprender o ofício do historiador e buscar no nosso passado as respostas para as inquietações que temos no nosso presente.

¹ Rebeca CONTIJO. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” IN: GOMES, Ângela de Castro(org).*Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

² Susan SONTAG. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³ Angel RAMA. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁴ Carlos Magalhães de AZEREDO. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.158.

Capítulo I

UM MAL SEM NOME

“Quando alguém escreve uma carta, o faz na esperança de estabelecer uma sincronia só possível na proximidade. O que adianta perguntar como uma pessoa está, se na hora em que a pergunta foi escrita ela estava triste, quando a pergunta chegou, doente, e quando foi respondida, prestes a morrer. Pouco adianta, a não ser a doida consciência de que se esteve ausente em um momento crucial. De que não se estava lá quando a piada deveria ser feita para que risse, o remédio dado para que melhorasse e a cama arrumada para que morresse. Cartas são retalhos no tempo. Sofrida tentativa de preservar a presença, mesmo que dia a dia a nitidez se perca, a memória falhe, e o elo se torne cada vez mais invisível.”

Claudia Lage.

1.1.

A carta: um espaço de sociabilidade do privado.⁵

A carta é “um tipo de comunicação escrita, cujo significado varia conforme o uso a que se destina⁶”. É um documento que está impregnado de intimidade e repleto de história, a história de um indivíduo dentro da própria História. A correspondência é sempre uma “escrita do tempo”⁷, espaços de formação de uma identidade, é neste lugar que o missivista se expõe, mostra-se para outra pessoa ou demonstra como se vê a si próprio. Nas cartas é possível encontrar-se, trocas de idéias e sentimentos, é um ambiente de reflexão sobre si mesmo ou o que ocorre ao seu redor. Por isso a carta é considerada como um documento valioso para os historiadores, é uma das formas que se tem de ver o passado na visão de alguém que viveu e presenciou aquele tempo histórico. São, como todos os demais, documentos historicizados, ou seja, datados, determinados em um tempo e lugar. E é importante que o historiador, ao lê-las, tenha o cuidado crítico em não ver nelas a transparência do que realmente ocorreu, mas a versão de si que seu signatário quer transmitir. As cartas são, de forma muito particular, um lugar privilegiado da construção da *persona* do missivista para si mesmo, para o destinatário e, posto que escritas, também para a posteridade.

⁵ Rebeca CONTIJO. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” IN: Ângela de Castro GOMES, (org). *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008..

⁶ Idem. Ibidem. p.164.

⁷ Apud Silvia Ilg BYINGTON. “Prezados Modernistas” In Margarida de Souza NEVES, Sidney CHALHOUB, e Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (orgs.). *Histórias em cousas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p.493.

A missiva é um lugar de “*sociabilidade privado*”, oposto aos lugares públicos, que durante muito tempo foi uma prática social corrente entre os letrados. Hoje este método foi substituído por meios de comunicação efêmeros, que normalmente são descartados logo após serem lidos, e assim não deixam nenhuma informação para nossa história.

Por vezes as cartas por ser um espaço de narrativa pessoal, podem ganhar o status de fragmentos autobiográficos, ou mesmo de um tipo de diário íntimo compartilhado com o destinatário, o que faz delas um tipo de narrativa subjetiva bem diferente de textos escritos com o intuito de publicação.⁸ Na maioria dos casos, o pesquisador trabalha com uma série de cartas que, quando é possível localizar a correspondência ativa e passiva de um missivista, permite a análise não apenas de seu conteúdo, mas também de uma interlocução entre o remetente e o destinatário. E foi esse meio de comunicação quase extinto nos dias de hoje que quatro pessoas com epilepsia do século XIX se utilizaram para falar de suas experiências em comum acerca da epilepsia.

A primeira delas é Maria Isabel de Alcântara Brasileira, futura condessa de Iguassú, última filha de D. Pedro I com a Marquesa de Santos. Maria Isabel deixou-nos uma carta que não está datada, endereçada a uma amiga chamada apenas como Emília, sem especificar o sobrenome. A missiva está citada com o título de *História da Vida da Filha Bastarda do Sr. D. Pedro I*, e que encontrei em uma biografia da condessa escrita por Carlos Maúl em 1942⁹. Durante um tempo empreendi uma exaustiva busca para encontrar o original desta carta, pois havia a indicação de que ela pertencera a certo capitão chamado José Leite da Costa Sobrinho, mas a busca foi em vão. Só voltei a encontrar cópias da carta citada em outras biografias escritas por Alberto Rangel do início do século XX. Nada assegura que a carta seja, efetivamente, autêntica, uma vez que seu original não foi localizado. No entanto, como Maúl a transcreve na íntegra, inclusive com equívocos de gramática, e cita o depositário do original, suponho que seja autêntica, uma vez que não houve contestação quando da publicação do livro. Por outro lado, caso seja uma carta forjada, seu interesse para este trabalho não

⁸ Rebeca CONTIJO. Op. Cit..

⁹ Carlos MAUL. *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942.

diminuí, já que quem a tenha escrito faz da epilepsia a chave explicativa da vida da condessa, sua suposta signatária.

Outra documentação a ser analisada neste trabalho é a correspondência trocada entre três amigos ilustres, intelectuais do final do século XIX e início do XX. É através deste “*espaço de sociabilidade do privado*” que os três missivistas escrevem sobre seu sofrimento e medo por terem epilepsia, uma síndrome tão carregada de estigmas e preconceitos e vista como o *grande mal*¹⁰ por aquela sociedade.

Machado de Assis, o mais conhecido dentre os três, é o célebre escritor de *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires*, *Esau e Jacó*, e tantos outros livros, contos e artigos. De origem humilde, nasceu no morro do Livramento, as informações sobre seus pais e sua vida até o momento de seu reconhecimento, são muito escassas.. O escritor tinha epilepsia e fazia o máximo para esconder a doença, sempre muito discreto quase nunca falava de sua vida pessoal. Segundo apurou sua biógrafa Lúcia de Miguel Pereira, esse homem discreto, que quase não falava sobre sua vida pessoal, nem mesmo a sua esposa Carolina contou sobre a doença, e somente depois de ter uma crise pouco tempo depois de casados afirmou ter tido “*umas coisas esquisitas*” na infância como demonstra o trecho retirado da nota de pé de página de sua biografia:

“Foi, porém, de pessoas que conviveram intimamente com o casal Machado de Assis que recolhi a informação de que, depois de casado, o seu primeiro grande ataque, Machado, dizendo à mulher que nunca sofrera nenhum outro igual, confessara, porém lembrar-se de ter tido em menino, ‘umas coisas esquisitas’”.¹¹

O segundo missivista é Mário de Alencar, filho do escritor José de Alencar, ainda que fosse voz corrente nos círculos literários de sua época que poderia ser, em verdade, filho ilegítimo de Machado de Assis¹² – talvez por ambos terem epilepsia, o que confirmaria os preconceitos sociais em relação à doença - e haja, inclusive, alusões a este respeito em algumas das biografias de Machado e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1905, na sucessão de José do

¹⁰ Antônio José da COSTA. *Epilepsia*. Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia.

⁸ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988. p.34.

¹² Antonio Carlos VILLAÇA. *O livro dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Patrocínio. Mário de Alencar estudou no colégio Pedro II e formou-se em Direito na Faculdade de São Paulo. Desde muito cedo se mostrou interessado pelas letras, distinguiu-se em poesia e literatura, colaborou em diversos periódicos da época como o *Almanaque Brasileiro Garnier*, *Gazeta de Notícias*, *Revista Brasileira*, entre outros. Foi Mário de Alencar quem conseguiu do Governo brasileiro uma sede para Academia Brasileira de Letras e que ainda não tinha uma sede própria. Sua obra literária não é muito extensa e seus principais escritos são: *Lágrimas*, poesia (1888), *Dicionário de rimas* (1906), *O que tinha de ser*, romance (1912).

O terceiro e último dos amigos é Carlos Magalhães de Azeredo que, nascido no ano de 1872, foi jornalista, poeta, ensaísta, contista e diplomata, foi um dos dez escolhidos para integrar o grupo de fundadores da Academia Brasileira de Letras. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, nunca exerceu sua profissão. Muito cedo ingressou na carreira diplomática e atuou em diversos países como Uruguai, Cuba, Grécia e, por último, na Itália. Assim como Machado e Mário, também colaborou com alguns periódicos da época, e, desde muito cedo escreveu poesias. Aos doze anos produziu um pequeno volume de versos com o título de *Inspirações da infância*, que não chegou a ser publicado. Escreveu *Alma Primitiva* (1895), *Procelárias* (1898), *José de Alencar* (1895), entre outros livros publicados.

De modos diversos, a experiência comum da epilepsia é uma constante nas cartas trocadas entre Machado, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo e é central na carta de Maria Isabel de Alcântara Brasileira. Ainda que os quatro fossem contemporâneos, a condessa de Iguassú tinha uma lógica de um tempo cronológico interno bem diferente desses homens, Maria Isabel vivia com sua cabeça voltada para o império, muito diferente de Machado de Assis, que vivia na capital com sua atenção voltada para as transformações que ocorriam na capital do império. Essas quatro pessoas são diferentes não só no que diz respeito a cor, gênero e lugar social, eram diferentes também com relação a visão que tinha do próprio mundo em que viviam. Portanto, seus escritos têm conteúdos distintos, com relações alusões ou referências à epilepsia que são penosamente descritas, com conotações diferentes, mas sempre com um vies estigmatizante, a epilepsia aparece no centro da vida desses quatro missivistas tão diferentes entre si, mas ao mesmo tempo iguais com relação a sua experiência por terem epilepsia..

1.2.

Muitos nomes e nenhum nome

Os escritos autobiográficos ou depoimentos de pessoas com epilepsia deste período são muito raros por tratar-se de um tema tabu, carregado de estigmas e preconceitos. A epilepsia era vista como um “*mal*”, sendo assim denominado o “*grande mal*”, tanto pela comunidade médica quanto pela sociedade como um todo. Este silêncio se devia não só ao fato da epilepsia estar sempre ligada ao mal por excelência, mas também por estar associada à falta de caráter, à falta de moral e à degenerescência física e mental segundo os médicos deste período. Por esses motivos e principalmente no que diz respeito à degenerescência, quando a epilepsia se manifestava em um membro de uma família rica, este era escondido por seus parentes dentro de suas casas e retirado do convívio social. Quando ocorria em pessoas de famílias menos abastadas, estes eram considerados de responsabilidade do Estado e internados em manicômios ou em asilos de loucos, pois eram vistos como pessoas que provocavam a desordem social, já que as crises em público e o completo descontrole do corporal e mental durante a crise em muito desconcertavam e perturbavam aquela sociedade tão carregada de preconceitos.

A sinonímia da época para a epilepsia é expressiva dos preconceitos que cercavam a doença. A partir da análise das teses médicas, escritas no fim do século XIX e início do XX, foram encontradas diversas denominações para especificar epilepsia, tais como:

“Morbus sacer, Divinus morbus, Morbus major, Morbus hercúleo, Morbus lunaticus, astralis, sideralis, comitialis, etc...”

*Na França a doença é vulgarmente chamada de: “**Mal** de Saint Jean, **Mal** des enfants, Haut **mal**, **Grand mal** e **Mal** caduc.*

*Já no Brasil, Portugal e Espanha, é vulgarmente denominado de: **Mal** de São João, S. Gil, **Mal** de gota e gota coral”.*¹³

Os médicos da época afirmavam que a principal causa da epilepsia era a hereditariedade, e as teses sempre associam a epilepsia às doenças sexualmente transmissíveis e à falta de moral sexual do doente. Segundo o Dr. Motta, as

¹³ Antônio José da COSTA. *Epilepsia*. Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia. p.2.

doenças tais como a sífilis seriam o “*adubo fertilizante*”¹⁴ desta moléstia. As práticas de masturbação, denominadas nas teses como “*onanismo*”, *seriam ainda mais perigoso, não só pela maior facilidade do abuso como também pela intervenção da força da imaginação*”.¹⁵

Descrita e nominada como o mal por antonomásia, associada a uma herança maldita, a uma vida desregrada e aos tabus morais e sexuais da época, não é de estranhar que a doença fosse um fardo difícil de ser levado, envergonhasse o doente e sua família e fosse escondida por aqueles que sofriam física e moralmente com ela. Por isso são tão escassos os testemunhos autobiográficos de pessoas com epilepsia. Por esse mesmo motivo o estudo desses raros depoimentos são tão relevantes.

A epilepsia sempre aparece de forma alusiva na escrita desses quatro missivistas, sempre de forma velada, e em nenhum momento eles se utilizam o nome clínico *epilepsia* para se referir à doença. Machado, por exemplo, só alude à sua doença a amigos mais íntimos, como a Mário de Alencar, e a Magalhães de Azeredo que partilhavam com ele de seu drama. Os missivistas utilizam sempre outras palavras alusivas à epilepsia, como por exemplo, “*radicalmente enfermo*”¹⁶ “*minha moléstia*”¹⁷, entre outros. A Joaquim Nabuco, também seu grande amigo, Machado de Assis menciona sua doença em uma carta, uma exceção, um desabafo, já que agora estava sozinho, pois naquela época sua esposa Carolina já havia falecido.¹⁸

Mário de Alencar, desde o momento em que recebeu o diagnóstico do médico, viu-se como um condenado a uma maldição até o fim de seus dias, e narra sua angústia ao amigo Machado em uma carta do ano de 1906:

*“Meu prezado e ilustre amigo Sr. Machado de Assis, - Não fui o outro dia ao Garnier, depois da consulta do médico, porque **achei no***

¹⁴ Manuel de Marsilac MOTTA. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Pharmácia do Rio de Janeiro.p30.

¹⁵ Francisco PINHEIRO GUIMARÃES. *Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade*. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.p32.

¹⁶ GRAÇA ARANHA (Org.). *Machado de Assis & Joaquim nabuco. Correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Toopbooks, 2003. Carta de Machado de Assis (06/12/1904), a Joaquim Nabuco.p.127.

¹⁷Fernando NERY. *Correspondência de Machado de Assis*. Rio de janeiro: Oficina industrial Gráfica,1932. Carta de Mário de Alencar (02/01/1907), a Machado de Assis. p.170.

¹⁸ GRAÇA ARANHA (Org.). *Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Toopbooks, 2003.

*consultório a convicção que eu receava, e me fez triste e incapaz de conversa nenhuma. O médico procurou iludir-me, mas a fisionomia dele e a indicação dos remédios disseram a verdade. Vim para a Tijuca com grande desalento, que ainda tenho hoje e agora terei sempre até o último dia.*¹⁹

Mario de Alencar parece ter toda razão para sentir-se assim, uma vez que os médicos da época viam a epilepsia como uma condenação, achavam que esta era uma doença nervosa, pois não tinham conhecimento da rede neuronal, conhecimento chave para entender a epilepsia e tratá-la de forma adequada. O tratamento da epilepsia era baseado na indicação de bromuretos e outras maneiras mais duvidosas de tratamento, como dar um tiro perto do ouvido com risco de acertar o paciente, para que o susto tirasse o enfermo da crise; a castração, a cauterização dos nervos²⁰, o isolamento, os passeios ao ar livre, os banhos mornos prolongados, dentre tantos outros tipos de tratamento.²¹

No caso da condessa de Iguassú lhe pesava não só o fardo de ser *epiléptica*, mas também o de ser mulher em uma sociedade patriarcal, e bastarda em um mundo cheio de convenções onde o nome era algo de muita importância. Em sua carta, que é um depoimento autobiográfico, Maria Isabel de Alcântara Brasileira escreve que nasceu em 28 de fevereiro de 1830 já com o “*selo de bastarda tanto por parte de Pai como de Mãe*,”²² pois D. Pedro I não só não a reconheceu como também não permitiu que Domitila a reconhecesse também como sua filha. Mulher, herdeira da epilepsia paterna, Maria Isabel seria marcada por mais um estigma, em função de seu gênero, uma vez que os médicos consideravam que as mulheres eram mais propensas a ter epilepsia do que os homens, e elas seriam os principais vetores de transmissão da doença, segundo deixa entrever o fragmento das teses abaixo:

¹⁹ . Carta de Mário de Alencar para Machado de Assis. Tijuca 26 de fevereiro de 1906. IN: Fernando NERY. *Correspondência de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1932. p.170. (Grifos meus)

²⁰ Francisco PINHEIRO GUIMARÃES. *Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade*. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

²¹ João FAGUNDES. *Contribuição ao estudo da Klinotherapie nos alienados*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1903.

²² Carlos MAUL. *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942. Folha 1 da carta.

*"Sexo: As mulheres são mais sujeitas a essa nevrose do que os homens; o que se compreende facilmente, considerando-se a constituição fraca, susceptível e impressionável de que elas são dotadas."*²³

*"Acreditamos também que as mulheres sejam mais predispostas que os homens, já por serem dotadas de sistema nervoso muito impressionável, já pelo estabelecimento de certas funções a elas especiais".*²⁴

Esta opinião acerca da predisposição feminina para a epilepsia também se deve, segundo os médicos, à menstruação, pois eles acreditavam que a mulher no seu período menstrual era mais propensa às crises epilépticas. As mulheres desta sociedade eram vistas apenas como mães e donas de casa, tão discriminadas que muitas vezes não aprendiam a ler nem a escrever. Somente os homens, por vezes, tinham a oportunidade de frequentar escolas e formar-se em algum tipo de profissão. A Condessa de Iguassú frequentou até a idade de onze anos a escola, seu precário grau de escolaridade é facilmente percebido através de sua carta mal escrita para os padrões da regra culta, uma vez que não respeita regras de pontuação ou de gramática e demonstra uma escrita quase infantil. Um dos motivos de Maria Isabel ter frequentado um colégio foi o fato de seu médico, um certo Dr. Ellis, ter recomendado a Marquesa de Santos que os ares do Rio de Janeiro lhe fariam muito bem. Como a Marquesa não podia voltar a morar na Corte resolveu colocá-la em um colégio interno e durante as férias a menina ficava em casa de uma prima, longe, portanto de sua mãe.

*"Estive no colégio até idade até 11 annos e 10 mezes, eu não ia p. casa porque Mamãe foi p. São Paulo, sahia só nas férias e ia p. casa do dr. Luiz Ferreira da Silva casado com minha prima d. Carlota Maria de Oliva Maia..."*²⁵

Também depois de casada Maria Isabel carregaria o estigma da epilepsia, já que, segundo as teses médicas da época, outro meio de a mulher transmitir epilepsia a seus filhos seria através do leite materno, principal alimentação do bebê por vários meses.

"Ora se o simples leite exerce uma ação tão eficaz nos meninos recém-nascidos, se ele pode ainda imprimir sobre seus tenros órgãos as imperfeições do indivíduo, que o forneceu, com maior razão o sangue da

²³ Antonio José da COSTA. *Epilepsia*. Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia. p.4.

²⁴ Eduardo Christiano Cupertino DURÃO. *Epilepsia*. Rio de Janeiro: Typografia de Almeida Marques & C., 1887. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. p.11.

²⁵ Carlos MAUL. Op. Cit.

*mulher prenhe obrará com força, sobre o feto, cujos ossos não têm ainda nenhuma solidez; por estes princípios já se vê, que a mulher grávida influi imediatamente sobre o feto pelo sangue, que ela fornece passivamente as radículas da placenta, que vão receber na superfície do útero os sucos próprios para a sua nutrição, do mesmo modo que uma planta, cujas raízes se identificam no terreno, onde vão buscar a seiva, de que elas se enchem”.*²⁶

Os indícios da carta são eloquentes para os historiadores que aprenderam com Carlo Ginzburg o valor do paradigma indiciário.²⁷ Na areia fina da carta supostamente escrita pela filha bastarda do primeiro imperador do Brasil, não é difícil identificar as marcas dos preconceitos de seu tempo e dos conceitos ainda tão pouco científicos da medicina da época em relação à epilepsia, ora vista como herança forçosa e maldita de pais epiléticos, ora como efeito de um trauma físico ou moral sofrido pelo feto no ventre da mãe, ora como a consequência de uma grande tristeza ou de uma natureza melancólica.

Já pesava sobre ela, assim como sobre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo o fardo das crises de epilepsia sofridas desde a infância. Um episódio antes do nascimento da Condessa de Iguassú foi especialmente determinante no relato da missivista que assim o descreve: sua mãe, ao assistir da janela de sua casa às brincadeiras do entrudo, foi atingida por uma laranjinha na barriga e, a partir deste dia até o seu nascimento a menina teria sofrido várias convulsões em seu ventre. Trata-se de um cenário repleto de símbolos que são muito significativos para compreender a visão que Maria Isabel tinha de si mesma: ela é uma filha bastarda que foi atingida ainda no ventre de sua mãe em uma brincadeira de carnaval, que é uma festa profana, e por causa desta pancada teria que carregar gravado em sua testa durante seu primeiro ano e meio de vida a marca de uma medalha da Nossa Senhora da Conceição que a mãe levava em um cordão e fora atingida pela laranjinha. Este é um dos argumentos apresentados pela condessa para que o “*mal epilético*” viesse à tona ainda no ventre de sua mãe, pois este acidente teria apenas despertado o “*mal*” que já corria em suas veias, já que a hereditariedade nesta época, segundo a medicina, era um fator determinante para o aparecimento da epilepsia.

²⁶ José Lucas da SILVA DIAS. *Considerações gerais sobre as moléstias hereditárias*. Bahia: Typo do Correio Mercantil de M. L. Velloso, 1841. Tese apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia. p.9.

²⁷ Carlo GINZBURG. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário.”. IN: *Mitos. Emblemas. Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Pp. 143 a 169.

“Nasci sofrendo, pois estando m. Mãe brincando o entrudo a dois de fevereiro atirarão uma laranjinha aqual veio lhe dar sobre o ventre de tal maneira que estando ella por infelicidade della e minha com uma imagem da Sr.^a da Conceição que ella sempre no pescoço estar ella pendente, e justamente caiu a laranjinha sobre ella eu estava de frente fui que levei a Conceição na testa desde esse dia até 28 levei de convulsões no ventre de minha Mãe nasci com a testa metida para dentro com a imagem perfeita na testa, foi preciso eu ficar ano e meio presa no quarto...”²⁸

Segundo a condessa, a partir dos três anos, passou a padecer de várias doenças. Por ter ficado muito impressionada com a morte da irmã diz ter começado a sentir o mesmo que ela:

“... fiquei eu sofrendo do peito com os suores que ela tinha (pois ella morreo do peito) eu vivia sempre doente, até a idade de 7 annos.”²⁹

Epilética desde o ventre da mãe, segundo seu relato, foi durante o período da infância que ela diz ter se manifestado claramente nela a moléstia de seu pai. Maria Isabel sempre procura, na carta, demonstrar uma causa para o aparecimento de suas crises de epilepsia. Na análise do documento é perceptível como há uma carga de culpa sobre os ombros desta mulher, por trazer este mal tão grande consigo e, talvez por isso, ela busque tantas maneiras de justificar o aparecimento de suas crises.

No caso de Magalhães de Azeredo só podemos ter uma idéia de como foi sua convivência com a doença na infância através de seu livro autobiográfico intitulado *Memórias*, pois na sua correspondência trocada com Machado de Assis e Mário de Alencar nunca mencionou nada sobre esta fase de sua vida. No livro, escreve que por ocasião de seu nascimento não um, mas *vários médicos ilustres* foram chamados para examinar o recém nascido e lhe atribuíram características *mórbidas*, como narra o autor no parágrafo abaixo:

“Vários médicos ilustres, examinando-me acuradamente, atribuíram a tais circunstâncias a minha excessiva, senão mórbida, sensibilidade, e as periódicas perturbações nervosas do meu organismo, que em tudo o mais – posso com segurança afirmá-lo no momento em que escrevo,

²⁸ Carlos MAUL, *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942. Folha 1 da carta.

²⁹ Idem Ibidem. Folha 2 da carta.

perto do meu décimo quarto lustro – se revelou sempre normal, saudável sem a mínima tara.”³⁰

E não deixa de ser significativa à preocupação em afirmar, em um escrito de maturidade, que seu organismo, “*em tudo mais [...] se revelou sempre saudável sem a mínima tara*”, já que a associação direta entre a epilepsia, a loucura, e a tendência inata ao crime era mais um dos preconceitos científicos que cercavam a doença.³¹ A utilização da palavra *tara*, na pena autobiográfica de alguém que, por toda a vida, conviveu com a epilepsia, mesmo se associada à afirmação de sua normalidade e na negativa reiterada de não ter tido nunca a *mínima tara* tem a força de um desabafo e ecoa as concepções da época sobre a doença.

A razão que o autor atribui por ter nascido com tais características *mórbidas*, foi o sofrimento que sua mãe lhe transmitiu na gestação por ter perdido o marido de forma precoce, grávida de seu primeiro filho. Magalhães afirma que: “*Era o seu cruciante sofrimento, que me transmitira a mim mesmo.*”³² Essa herança, apesar de aparentemente ter se mostrado sempre forte, foi, para ele, uma sombra que o acompanhava sempre. Por isso afirma que “*o mal psicológico perdurava latente*”, e que, como comprovou ao longo de sua vida, se manifestaria de forma “*freqüente no futuro.*”³³

No caso de Machado de Assis não foi possível encontrar nada escrito por ele sobre sua infância, pois era muito reservado quanto a seu passado. Só há a referência feita por sua biógrafa Lúcia de Miguel Pereira em depoimento de D. Fanny de Araújo e das irmãs Pinto da Costa, que eram grandes amigas do casal Assis, e contaram-lhe que ele disse à esposa ter tido “*umas coisas esquisitas*”³⁴ na infância.

³⁰ Carlos Magalhães de AZEREDO. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto.p.4.

³¹ Maria Aparecida do SANTOS. *Entre a Ciência e o Preconceito. Afrânio Peixoto, epilepsia e crime*. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação da PUC-Rio, 2008. Monografia de final de curso. IN: www.historiaecultura.pro.br.

³² Carlos Magalhães de AZEREDO. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.4.

³³ Idem Ibidem. p.5.

³⁴ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988. p.34.

Os médicos também mencionavam a *personalidade epilética* que fazia com que os pacientes por vezes estivessem felizes e eufóricos, dispostos a trabalhar, e de repente, de uma hora para outra, ficavam amuados, tristes, indispostos, irritados.³⁵ Na correspondência de Mário de Alencar é possível perceber a assimilação dos sintomas descritos pelos médicos e que, segundo a medicina de então, eram típicos dos pacientes com epilepsia. Por vezes Mario Alencar escreve sobre um *torpor de espírito e melancolia* que o impedia até mesmo de escrever ao amigo Machado de Assis, como demonstra o trecho abaixo:

“Meu querido amigo, - Disse-lhe no bilhete postal que ao chegar aqui lhe escreveria longamente. São passados sete dias que estou na fazenda e ainda hoje é com esforço grande que vou vencendo o torpor do espírito que me traz preso a uma idéia fixa, e lhe escrevo esta carta. Não melhorei nada nem com a viagem nem com a vinda para fazenda. Trouxe comigo o que é irredutível e irremediável: o meu temperamento a minha melancolia.”³⁶

Na biografia da condessa escrita por Carlos Maúl, também é possível identificar que ela também era vista por seu biógrafo, também ele permeável ao pensamento médico da época, mais duradouro entre os leigos que entre os médicos, como um *temperamento epilético*, o, de acordo com o fragmento a seguir:

“O casal tinha uma propriedade em Iguassú - seu condado – onde passava a maior parte do tempo. Pouco durou, porém, a lua de mel. Nem ele nem ela se acomodavam à vida doméstica. Maria Isabel era **irascível, brigona, nervosa** e Pedro lhe dava o troco em miúdos. Daí uma existência cheia de incidentes desagradáveis que iam bater às portas da Marquesa, que intervinha sempre como apaziguadora destas tempestades.”³⁷

“[...] Maria Isabel envelhecia, e seu gênio se tornava irascível.”³⁸

A palavra *irascível* é largamente utilizada pelos médicos para referir-se às pessoas com epilepsia. Os trechos citados demonstram o quanto o discurso médico penetrava na vida dessas pessoas, e indicam também que a forma como essas pessoas se viam era a exata cópia do *epilético* descrito nas teses médicas da época.

³⁵ Manuel de Marsilac MOTTA. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900.p.45.

³⁶ Carta de Mário de Alencar a Machado de Assis. Fazenda da Conceição 2 de janeiro de 1907. IN: Fernando NERY. *Correspondência de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica,1932. p.170.

³⁷ Carlos MAUL. Op. Cit. Pp.82-86.

³⁸ Idem Ibidem. Pp.95-100.

Outra reclamação recorrente na correspondência dos três escritores é que o excesso de trabalho desencadeia as crises de epilepsia. Nas teses, os médicos condenam qualquer extremo, seja pelos excessos, seja pela completa falta. Magalhães de Azeredo, ao contrário de Mário, relata que foi acometido por uma crise pelo excesso de trabalho, e isso é uma queixa recorrente em sua correspondência com Machado:

*“[...] Por minha parte, passei todo esse tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente, ainda que não de cama; a dispepsia nervosa agravou-se-me, em consequência talvez do excessivo trabalho a que me entreguei desde minha chegada [...]”*³⁹

Em outras vezes estes literatos mostravam-se animados e com esperança de talvez se curarem de sua moléstia, Mário diz em uma de suas cartas endereçadas a Machado que tem lutado contra os dias de “*mal estar do corpo*” e que estava decidido a curar-se, para isso pediria licença de seu trabalho para repousar: “*Preciso deste repouso, e estou resolvido a curar-me[...]*”⁴⁰

Fazia parte também do que era considerado uma *personalidade epiléptica* a melancolia e a tristeza, que pode ser percebida na escrita da carta de Maria Isabel, pois tanto ela quanto sua mãe a julgam ser, uma mulher “*infeliz e mal fadada*”. A palavra *infeliz* é repetida várias vezes pela missivista. “*... tu és muito infeliz minha filha a primeira viagem que fazes sofreu tanto o que será da tua vida d’aqui por diante[...]*”⁴¹

*“... (isto é minha vida vou te fazer a vontade vais ver nela que o ditado que se diz cabe bem para triste filha bastarda do sr. D. Pedro I) bem nascida e mal fadada.”*⁴²

*“... Saimos da cidade 15 a 2 dias depois que cheguei, eu fiquei muito contente, como criança (pois eu sempre gostei muito de andar a cavalo), mas fui infeliz nessa viagem...”*⁴³

³⁹ Carta de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis. Montevidéu, 22 de março de 1895. Carmelo VIRGILLO. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. Pp. 37-40..

⁴⁰ Carta de Mário de Alencar para Machado de Assis. Tijuca, 17 de janeiro de 1907. IN: Nery, Fernando. **Correspondência de Machado de Assis**. 1932. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica. Pp.192-193.

⁴¹ Carlos MAUL. Op.cit.p.60.

⁴² Idem Ibidem. Folha 1 da carta.

⁴³ Idem. p..Ibidem. p.67..

Na pena da missivista, a desgraça se estendia em todos os sentidos e por todos os momentos de sua vida, até em ocasiões supostamente alegres, como uma viagem de barco de São Paulo ao Rio de Janeiro, ou outra, a cavalo, de São Paulo até Sorocaba. Para Maria Isabel adulta, a que supostamente escreveu a carta, seus únicos anos de felicidade seriam os da infância, pois naquele momento ela não teria consciência do mal que carregava dentro de si.

Para que a doença da filha não fosse alardeada no colégio em que foi estudar no Rio de Janeiro, o Colégio Archinno em Botafogo, a Marquesa de Santos também pagava para que sua escrava Vicência pudesse permanecer junto a Maria Isabel na escola, para cuidar dela caso tivesse alguma crise.

“... pagou minha mãe tão bem a entrada de minha ama Vicência como se fosse outra eu para assim eu ter uma pessoa que ela tinha confiança perto de mim, pois Mamãe já sabia e conhecia todas as minhas moléstias...”⁴⁴

É perceptível também, a partir deste fragmento, que não há a necessidade de nomear sua doença, porque ao descrever o modo como se manifesta e afirmar ser ela um malefício, a epilepsia poderia ser facilmente identificada pela destinatária.

Outra constatação após a análise dessas cartas é que, possivelmente as pessoas com epilepsia que pertenciam ao grupo dos letrados, lessem os tratados e teses médicas sobre sua doença, pois com certeza Maria Isabel que mal sabia ler e escrever, não teria acesso aos escritos científicos, o que não a impedia, por outro lado, de assimilar o que os médicos e os que a cercavam opinavam sobre a epilepsia. Fica sugerido no trecho de uma carta de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis que ele lia textos médicos sobre a epilepsia:

“(...) mas quanto a mim, acresce a propensão evidente que tenho para neurastenia. Empenhado em estudar minha moléstia, tenho um sem número de teses e tratados que dela se ocupam, e já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal.”⁴⁵

⁴⁴ Idem Ibidem. Folha 2 da carta.

⁴⁵ Carta de Carlos Magalhães de Azeredo para Machado de Assis. João d’El-Rey, 22 de Janeiro de 1894

IN: Carmelo VIRGILLIO. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. p.30.

Talvez por esta razão os pacientes de epilepsia se sentissem tão mal em relação a sua doença, pois nos escritos médicos da época eram vistas freqüentemente como “*homicidas e suicidas*”⁴⁶. A doença também era vista como consequência de desvios sexuais do doente, a epilepsia era “*nos corpos dessas infelizes [...] a podridão de sua alma*”⁴⁷, alusão que coincide com a observação feita por Georges Duby para se referir à lepra, outra doença fortemente estigmatizada, e por isso eram tão rejeitados e cercados de preconceitos pela sociedade em que viviam.

Encontramos nos escritos de Magalhães de Azeredo, assim como nos de Mário de Alencar, a percepção da doença como um mal, e ele por várias vezes também reclama de incapacitação para o trabalho que sempre o acometia em momentos de crise:

“(...) já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal. Um dos sintomas é precisamente essa inaptidão para o trabalho de que me queixo tantas vezes, e contra o qual, em momentos de crise, é nulo todo esforço da vontade”⁴⁸...

É possível perceber nestes relatos as “*sugestivas variações de sentidos das doenças*”⁴⁹, e não só variações, mas também continuidades, uma vez que diferentes pessoas em seus relatos aludem da mesma forma a sua experiência com a epilepsia. Essas continuidades estão presentes nos relatos de Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, ao sugerirem a inaptidão para o trabalho intelectual, o que não acontece nos escritos de Machado de Assis, nos quais essa marca da doença não é encontrada pelo contrário, Mário de Alencar sempre peça ao amigo que trabalhe menos por que assim se sentiria melhor, como demonstra o trecho abaixo:

⁴⁶ Antonio José da COSTA. *Epilepsia*. Bahia: Tipografia – Constitucional de F. Guerra, 1881. p.17.

⁴⁷ Georges DUBY. “O medo das epidemias” IN: *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.p.79.

⁴⁸ Carta de Magalhães de Azeredo (21/01/1894), a Machado de Assis. IN: Carmelo VIRGILLIO. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. p.30.

⁴⁹ Dilene Raimundo do NASCIMENTO, Diana Maul de CARVALHO e Rita de Cássia MARQUES. “O método comparado em história das doenças” IN: *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.20.

“Insisto no pedido que lhe tenho feito sempre: não abuse de suas forças⁵⁰”.

Não só os tabus com relação ao esforço físico aparecem nos escritos médicos, mas também os tabus alimentares. Os médicos condenam os excessos e a ingestão de certos alimentos alegando que estes fariam mal ao paciente com epilepsia. Uma bebida cujo consumo é sempre desaconselhado, além das bebidas alcoólicas, é o café, por causa de sua ação estimulante que, traria problemas ao sistema nervoso. Machado de Assis parece ter se queixado do mau efeito da bebida sobre ele ao amigo Mário, que em uma carta sua à Machado faz recomendações para que este não abuse do café, :

“Outra coisa que lhe peço para não esquecer é o mal que pode trazer-lhe a bebida freqüente do café, sobretudo à tarde, em que costuma tomar ao sair da secretaria. Ouvi-lhe muita vez queixar-se do mau efeito dele [...]. Tendo esses cuidados, verá que as melhoras continuarão sem outra crise⁵¹...”

Tanto esses tabus alimentares quanto o chamado *temperamento epilético* não têm base científica, mas eram amplamente divulgados pelos médicos do século XIX e início do XX.

Os depoimentos escritos dessas quatro pessoas com epilepsia demonstram o quanto o discurso médico penetrava em suas vidas, o que confirma a hipótese de Dilene Raimundo do Nascimento, Diana Maul de Carvalho e Rita de Cássia Marques, ao observarem que *“o discurso médico-científico do início do século era como um verdadeiro oráculo⁵²”*. Para os médicos de então, o mais importante era estabelecer uma etiologia para epilepsia, e, como no caso de outras doenças, *“os efeitos morais eram muito mais significativos do que os aspectos físicos, incluindo-se as desordens mentais.⁵³”*

⁵⁰ Carta de Mário de Alencar a Machado de Assis. (08/01/1907), IN: Fernando NERY.. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica, 1932. Pp.173-174.

⁵¹Correspondência de Machado de Assis. (08/01/1907), IN: Fernando NERY. *Correspondência de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica, 1932..Pp..173-174.

⁵²Dilene Raimundo do NASCIMENTO, Diana Maul de CARVALHO e Rita de Cássia MARQUES. “O método comparado em história das doenças” In *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.20.

⁵³ Idem Ibidem. p.73.

O segundo capítulo trata do importante papel da Academia Brasileira de Letras na vida dos três acadêmicos e como essas quatro pessoas vivem divididas entre o mundo dos sãos e o mundo dos doentes.⁵⁴

⁵⁴ Susan SONTAG. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Capítulo II

A tríplice Coroa

2.1

A Coroa de Louros: a Academia Brasileira de Letras espaço da consagração pública e dos segredos privados.

Alguns intelectuais do final do século XIX manifestaram sua vontade de ter uma academia nacional nos moldes da Academia Francesa. Em um primeiro momento, Lúcio de Mendonça pensou na possibilidade de fundar uma Academia de Letras sob a égide do Estado, mas na última hora, a Academia foi fundada de maneira independente, no dia 20 de julho de 1897, como uma instituição que tem como objetivo cultivar a língua brasileira e a literatura nacional. Então neste dia tão importante, em uma sala do Pedagogium que ficava na Rua do Passeio, realizou-se a primeira sessão, na qual estiveram presentes dezesseis acadêmicos. Entre eles estava Machado de Assis, proclamado presidente da Academia, que fez uma alocução preliminar e Joaquim Nabuco, que era o então secretário geral pronunciou o discurso inaugural. A Academia Brasileira de Letras era composta por quarenta membros efetivos e perpétuos da mesma forma como a Academia Francesa. Este era um grupo formado pelos principais intelectuais da época, tais como Graça Aranha, José Veríssimo, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça, Aluisio Azevedo, Magalhães de Azeredo dentre outros.

Estes intelectuais de grande importância do final do século XIX buscavam criar uma instituição que tivesse uma função específica na sociedade, no caso da ABL, a de preservar a língua e a cultura brasileira. Segundo as formulações de Angel Rama em seu livro *Cidade das Letras*⁵⁵, esta seria uma instituição que teria um poder autônomo em que esses intelectuais teriam a função de produtores, enquanto consciências que elaboram mensagens e, sobretudo como constituidores de modelos culturais, que se destinariam a composição de ideologias públicas. Estes homens se utilizaram do princípio intitucionalizador que caracteriza o poder e, portanto passaram a ocupar um lugar de intermediação na sociedade, pois

⁵⁵ Angel RAMA. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

podiam através deste posto privilegiado dentro da sociedade desenvolver propostas que se destinassem ao público.⁵⁶

É nesta *cidadela letrada* da Academia, que esses intelectuais reafirmavam sua identidade social, criavam suas redes de relações, publicavam seus escritos literários que constituíam sua face pública diante da sociedade. A Academia Brasileira de Letras é o espaço do público onde intelectuais como, Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, consagrados como imortais, criam redes de relações importantes e ganham um lugar de destaque na sociedade. A ABL representa a face pública e luminosa desses homens na sociedade brasileira, a consagração da imortalidade é como uma coroa de louros, um signo que caracteriza um título de distinção e glória. Na Grécia antiga os melhores atletas eram agraciados com uma coroa de louros que representavam a suprema glória para alma grega, pois segundo sua mitologia este era um dos símbolos utilizados pelo deus Apolo, considerado o protetor dos atletas e jovens guerreiros. Não sem razão a coroa de louros, presente de Joaquim Nabuco a Machado de Assis figura na tela com o retrato de Machado até hoje exposta na Academia.



Machado de Assis – Tela de Henrique Bernardelli - 1905

É interessante observar como Machado de Assis, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, homens que são ao mesmo tempo eleitos para a

⁵⁶ Idem Ibidem. Pp. 44-49.

Academia e diagnosticados como epiléticos, combinam neste espaço suas faces luminosas que são os escritos literários que fizeram deles imortais, e suas faces ocultas marcadas pela cicatriz dolorosa da mortalidade. Essa marca da mortalidade se traduz, para os três, pela experiência da doença cujo nome não podia ser pronunciado, o *grande mal*, que buscam esconder e só ousam mencionar entre si, entre iguais, tanto no que diz respeito à glória da Academia, quanto no que diz respeito como experiência pessoal da epilepsia. São homens atravessados por uma grande contradição, por terem ao mesmo tempo o título da imortalidade e a epilepsia, sua dolorosa marca da mortalidade.

Operar com o conceito de *Cidadela Letrada* na acepção de Angel Rama, aplicado à Academia Brasileira de Letras, permitiu considerar que essa instituição era uma agência de legitimação pública e de glorificação dos feitos literários de seus membros. E no caso dos três literatos que eram, também, pacientes de epilepsia, a ABL significa uma trincheira de defesa de suas figuras públicas e um refúgio para seus segredos privados. É a ABL que preserva e atualiza a memória dos escritos literários de Machado de Assis, Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, ao mesmo tempo em que é a guardiã de seus segredos privados, por preservar em seus arquivos a sua correspondência pessoal ativa e passiva, e também seus objetos pessoais, e deste modo preserva não só a memória de sua face pública, mas também de sua face privada.

Outro ponto interessante é o processo de embranquecimento pelo qual Machado de Assis passa no decorrer dos anos em seus registros iconográficos. Há uma grande diferença entre uma fotografia da época em que ainda era um jovem em relação a uma fotografia de quando já era um escritor consagrado da Academia Brasileira de Letras.

Na primeira imagem podemos ver um Machado que claramente é um homem negro, quando era conhecido como Machadinho, esta era a forma como seus amigos o chamavam, era o momento em que começava a inserir seu nome nas rodas de intelectuais. Na fotografia vemos *Machadinho*, em pose cuidadosamente montada, sentado à mesa de trabalho, com suas melhores roupas, mas ainda com vestígios de sua origem pobre. Segundo palavras de Lucia de Miguel Pereira não imunes ao preconceito, nesse período de sua vida ainda podemos vislumbrar as características de um homem negro, que ela chama de sua *mulatice*:

“[...]a raça gritando na vasta e rebelde cabeleira que lhe caía sobre as orelhas, nos lábios grossos encimados pelo bigode ralo e duro, nas narinas achatadas.”⁵⁷

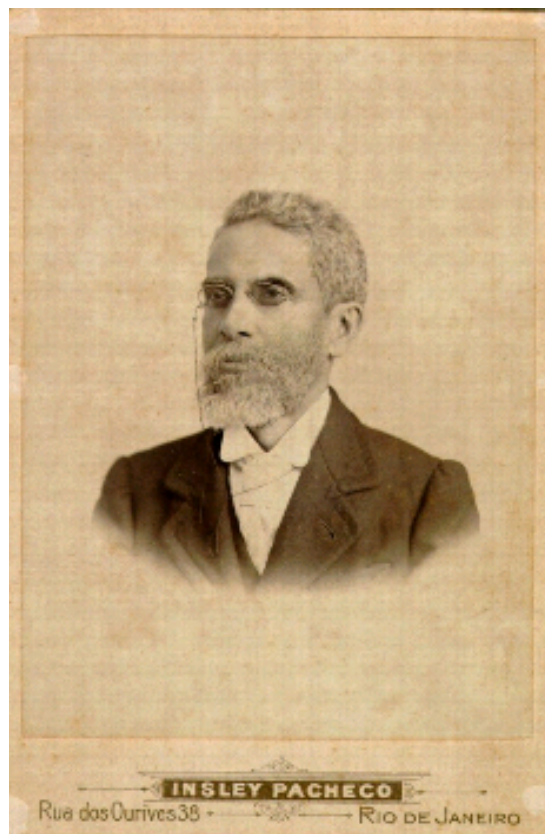


Machadinho.

Este retrato difere muito de outro, retirado do site da ABL, em que é apresentado um Machado de Assis na maturidade, já agraciado com o título de imortal. O que Lúcia Miguel Pereira denominou de suas marcas da *mulatice*, já estão aqui, segundo essa mesma autora *disfarçadas*⁵⁸. Machado é retratado como um homem branco, um intelectual, com roupas finas e elegantes que em nada se parecem com as da fotografia de sua juventude, muito menos com a descrição feita em sua biografia.

⁵⁷ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988. p.90.

⁵⁸ Idem Ibidem. p.90.



Seu Machado

Este não é mais o Machadinho, este homem da fotografia tão imponente é, para sua biógrafa, o

*“[...]seu Machado, não era mais um pobre diabo, um operário de talento,” (o homem desta foto é) “um vencedor, o homem para quem se voltavam os moços pedindo opiniões, a quem o jovem Joaquim Nabuco apelava como protetor da arte e de muitos artistas brasileiro,”*⁵⁹

Este era um novo homem coberto pelo prestígio, com maneiras finas e recebido nas casas das melhores famílias da elite fluminense, convidado “*para serões íntimos, para jogar gamão, para conversar com as senhoras.*”⁶⁰

Até hoje muitos se surpreendem quando sabem que o escritor era negro, pois as imagens mais conhecidas e divulgadas hoje são de um Machado branco, em que todos os seus traços negros foram apagados, e esta é uma marca da reafirmação do preconceito existente com relação à sua cor de pele. A Academia Brasileira de Letras oculta em baixo da coroa de louros de um de seus retratos oficiais, na iconografia aberta ao público sobre o escritor, aquilo que, segundo o

⁵⁹ Idem Ibidem.p.143.

⁶⁰ Idem Ibidem.p.144.

pensamento social e a ciência da virada do século XIX para o século XX, pudesse evidenciar as marcas de degeneração do escritor: a sua negritude e a sua epilepsia. Esconde aquilo que a sociedade em que viveu considera seus estigmas para que somente fique evidente a sua face luminosa de grande escritor e importante intelectual.

A coroa de louros do quadro de Henrique Bernardelli é um indício eloquente não apenas da função social da Academia ao laurear aqueles que, segundo a própria ABL, representavam as glórias literárias do Brasil e, por isso, deveriam ser considerados publicamente como imortais, mas também, da defesa que esses louros representavam em relação às mazelas privadas que homens como Machado de Assis, mas também como Mario de Alencar e Magalhães de Azeredo viviam em sua vida privada, e que, no caso desses três escritores era sintetizada pela experiência comum de uma doença fortemente estigmatizada em sua época: a epilepsia.

2.2.

A Coroa Imperial

A condessa de Iguassú escreve em sua carta que sofre de convulsões desde o ventre da mãe, o que provavelmente recolhe relatos de uma memória familiar que deve ter ouvido desde menina, e que incorporou à sua memória pessoal a construção imaginária de sua mãe, que confundia retrospectivamente os movimentos da criança em seu ventre com as convulsões que caracterizariam suas crises.

Na carta autobiográfica que escreve, Isabel Maria, fazendo ainda suas as memórias maternas, apesar de tentar dar uma explicação física para este problema, ao contar ter sido acertada *na testa*, ainda no ventre materno, por uma laranjinha durante o entrudo e ter nascido com a marca da medalha que a marquesa de Santos levava ao pescoço em sua testa em função do acidente, ao longo de sua escrita deixa entrever que a sua epilepsia tem outra causa mais poderosa do que a fantasiosa história da laranjinha do entrudo.

Maria Isabel de Alcântara Brasileira tece todo seu discurso na carta para demonstrar sua legitimidade como filha do Imperador D. Pedro I. Esta estratégia se inicia a partir do título que ela mesma dá a sua missiva: “*Vida da Condessa de*

Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da Marquesa de Santos)”, e é possível afirmar que sua intenção é ressaltar e afirmar sua filiação real. A condessa não foi reconhecida como filha de D. Pedro I logo que nasceu como sua irmã, a duquesa de Goiás, e, de início, foi-lhe negado este título, até mesmo porque foi levantada a hipótese que não era filha do imperador, segundo seu próprio relato:

*“Desde o ventre de minha Mãe eu principiei a sofrer. Estando ela grávida de mim com dois meses quis meu Pai a matar dizendo que eu não era sua filha, então meu tio José de Castro pondo-se na porta do quarto de minha Mãe na ocasião em que meu Pai queria entrar, o [sic] embargou o passo e lhe perguntou aonde ele ia, meu Pai respondeu matar aquela que diz que está grávida de mim não sendo meu o filho [...]”*⁶¹

A acusação do imperador feita contra a marquesa de Santos com quem viveu um romance durante sete anos, foi o resultado de uma jogada política de Felisberto Caldeira Brant para separá-los e, desta forma, permitir que o monarca voltasse a casar-se sem problemas novamente, segundo interpretação de Carlos Maúl em seu livro.⁶² A mulher que, um dia, viria a ser a Condessa de Iguassú já veio ao mundo cercada por três preconceitos fortíssimos no século XIX: o de ser mulher em uma sociedade patriarcal, bastarda em um mundo cheio de convenções onde o nome era algo de suma importância, e ter epilepsia, uma doença carregada de estigmas e preconceitos, mas que no seu caso lhe trará algum favorecimento. Pode-se supor que para ela era de suma importância conseguir afirmar sua filiação real, pois segundo seu testemunho nasceu no dia “28 de fevereiro de 1830 com o selo de bastarda tanto por parte de Pai como de Mãe [...]”⁶³

Segundo seu biógrafo e também de acordo com menções encontradas em algumas biografias de Pedro I, este só a reconhece como filha em seu leito de morte, quando pede em seu testamento que:

*“[...] cuide daquela menina de que lhe falou e que nasceu na cidade de S. Paulo, no Império do Brasil, no dia 28 de fevereiro de mil oitocentos e trinta, e que deseja que esta menina seja chamada à Europa para receber igual educação a que se esta dando a sua sobredita filha a Duquesa de Goiás, e que depois de educada a mesma senhora D. Amélia de Leuchtemberg, Duquesa de Bragança, a chame semelhante para o pé de si.”*⁶⁴

⁶¹ Carlos MAUL. *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942. Folha 1-2 da carta.

⁶² Idem Ibidem. p.23.

⁶³ Idem Ibidem. Folha 1 da carta.

⁶⁴ Idem ibidem. p.52.

Segundo o biógrafo da condessa e alguns biógrafos de D. Pedro I esta menção à menina que nasceu no dia 28 de fevereiro de trinta seria um reconhecimento de paternidade, mas é um reconhecimento alusivo, sem valor jurídico. Como um reconhecimento da parte de D. Amélia da legitimidade da filiação real da menina Maria Isabel, por volta de 1840, pede que os banqueiros da Casa Samuel Philipis e Companhia levem Maria Isabel para Europa, mas a Marquesa de Santos não permite, por alegar que ela estaria doente, e, ainda que afirme que a mandaria assim que estivesse com sua saúde restabelecida, nunca permitiu que a levassem.⁶⁵

Como a condessa de Iguassú não tinha sua filiação real assegurada nas formas da lei, utiliza-se então do discurso médico sobre a hereditariedade e sua relação com a epilepsia, o que faz com que sua filiação imperial seja irrefutável, já que para medicina da época o principal fator de transmissão da epilepsia era a hereditariedade. Por essa razão, as alusões às crises de epilepsia desde a infância são uma constante na carta que escreve.

A partir dos oito anos, logo depois de estar como ela mesma escreve *tísica*, Isabel afirma que a moléstia *de sua família*, no caso, a doença da família de seu pai, se manifestou.

*“Eu já tinha 8 anos quando me apareceu a **moléstia de minha família por parte de meu Pai**, as convulsões tive três em S. Paulo que ninguém nem mesmo Dr. Ellis pensou que da última eu tornasse a mim.”*

Para seu biógrafo Carlos Maúl a epilepsia era “*a prova da paternidade que a natureza gritava no corpo daquela criança, num desmentido horrível, mas legítimo, aos apodos com que Pedro I tentara manchar a fidelidade da Marquesa.*”⁶⁶

A doença é para essa mulher, ao mesmo tempo, um grande benefício, pois, em função da carga hereditária atribuída à doença, não haveria dúvidas quanto a sua filiação, e um malefício, por tratar-se de uma moléstia fortemente estigmatizante que tantas tristezas traria a ela e a sua família. Por isso alude à doença de sua família, sublinhando ser essa a herança paterna recebida ao

⁶⁵ Idem ibidem. p.53-54.

⁶⁶ Idem ibidem. Pp. 51-52. Grifos meus.

esclarecer ser a família por parte de seu pai. Em várias passagens da carta a condessa demonstra de forma bem discreta que sua mãe também a considera uma infeliz, visão comum de toda sociedade acerca da epilepsia.

Na carta, a epilepsia nunca nomeada e sempre presente aparece com um duplo sinal. É para Maria Isabel, como para todos aqueles que, em seu tempo, recebiam o diagnóstico de epilepsia, razão de uma infelicidade que a condessa reitera ao longo de toda a missiva. Mas é também marca de distinção no caso da condessa, pois permite que seja identificada como filha do imperador. Ela escreve nessa carta sobre sua vida, ainda que brevemente, como forma de, mais uma vez, afirmar sua condição de filha do imperador D. Pedro I, ainda que reconhecida tardiamente por seu pai.

É possível esboçar uma analogia entre a vida da Condessa de Iguassú e o rumo tomado pelo Império, uma vez que ambos traziam em si a evidência de um mal percebido como inevitável e de origem: no caso de Maria Isabel, o “*grande mal*”, como era conhecida a epilepsia. No caso do Império, era outro o grande mal, representado pela contradição entre um estado que se queria liberal e se apoiava sobre a escravidão. A vida desta mulher era difícil enquanto a monarquia estava no seu auge, sua situação mudou completamente com a derrocada do império.

A condessa casou-se com Pedro Caldeira Brant, filho de uma figura importante no império, Felisberto Caldeira Brant, o Marquês de Barbacena. Este casamento também seria uma forma de Maria Isabel estar inserida na sociedade patriarcal, mas após longos anos de um casamento complicado e de não poucos conflitos, os dois acabam por separar-se, já que, segundo Maúl, a condessa era “*irascível*”, um adjetivo largamente utilizado pelos médicos da época para designar o comportamento dos epiléticos.

Outra fonte de informação afirma que

“ Uma das peças raras é, sem dúvida, o Libelo de Divórcio da Condessa e do Conde de Iguassú. Maria Isabel da Alcântara Bragança, filha de dom Pedro com a amante, a Marquesa de Santos, foi uma das apelantes. O processo, relíquia do acervo baiano, iniciado em 1874, revela, em mais de 200 páginas, a situação precária da nobreza brasileira, que tanto queria mostrar-se tradicional, aos moldes europeus. [...] Foi um verdadeiro escândalo porque o que ela reivindicava era a assistência do marido do ponto de vista financeiro. [...] Entre outras alegações da marquesa, consta na página 19 do processo: ‘O referido réu se servia a esposa obrigando-a a pedir dinheiro a diversas pessoas para manutenção do casal, maltratando-a com violência física e

ferimentos. Já faltou aos recursos necessários para a sua alimentação decente e honesta, sendo, além disso, o réu convencido de adultério não só com pessoas do serviço doméstico como também com outras

Conforme afirma o historiador e também coordenador do laboratório de restauração da Bahia Afonso Florence.”⁶⁷

Com a derrocada do Império a condição desta mulher, que era diagnosticada como *epilética* e naquele momento separada de seu marido, torna-se pior pois com a monarquia ainda no poder ela tinha um lugar de honra, ainda que também de vergonha naquela sociedade como filha, mesmo que ilegítima, de D. Pedro I e esposa de um Conde. Sem estes selos de distinção Maria Isabel terminaria sua vida no esquecimento. A epilepsia havia sido, por toda sua vida, não apenas uma das causas de seu drama pessoal, mas o tênue elo que referia sua vida à coroa imperial.

2.3.

A Coroa de Espinhos

A epilepsia sempre foi uma doença cercada por preconceitos, era vista e medicamente denominada como o *grande mal* e aqueles que eram *agarrados*⁶⁸ por ela eram chamados *epilépticos*, o que fazia que a pessoa que tem epilepsia fosse identificada com a própria doença. Ainda hoje, quando alguém nos conta que outra pessoa tem epilepsia, se refere a ela como *epilética*, ou que tem “*aquela doença*”, ou seja, a doença é tão terrível que seu nome nem deve ser pronunciado, pois isso traria algum tipo de maldição àquele que se atreve enunciar seu nome clínico. Se hoje, com todo conhecimento da medicina sobre a epilepsia algumas pessoas ainda têm esse olhar preconceituoso e supersticioso sobre a doença, não é difícil imaginar o peso da doença no final do século XIX.

A epilepsia é como uma coroa de espinhos que os três literatos cujos escritos autobiográficos foram aqui analisados e a Condessa de Iguassu, autora da carta autobiográfica estudada, assim como tantos outros que não deixaram registros tinham que carregar ao longo de suas vidas, sem nenhuma esperança de cura. Pelo contrário tinham sempre a perspectiva de que a doença se intensificasse

⁶⁷ Reportagem: “*Separações eclesiais*”, IN *Correio da Bahia*. Salvador, 30 de julho de 2003. Disponível no site: www.correiodabahia.com.br

⁶⁸ O termo epilepsia, etimologicamente, quer dizer “agarrar de surpresa”.

que as crises piorassem e acabasse por levá-los à loucura, tal como preconizado pelo pensamento médico de seu tempo. Este devia ser um fardo muito pesado de ser carregado, principalmente para homens das letras, importantes no cenário intelectual, ou por uma figura pública e de origem controvertida, como a Condessa de Iguassú.

Mário de Alencar é o que mais se lamenta em suas missivas do quanto era difícil conviver com a epilepsia. Ele foi o que mais se mostrou desesperado, e em muitas de cartas a Machado de Assis queixava-se de sua doença, como deixa entrever a citação abaixo:

*“Eu passei como tenho passado esses últimos dias, nem muito bem nem muito mal quanto ao corpo; quanto ao espírito, em penumbra, que é mais triste que a sombra.”*⁶⁹

O viver com epilepsia era para o escritor o mesmo que viver na *penumbra*, que ele considera que é ser mais *triste que a sombra*. Um rapaz no auge de sua juventude que considerava sua vida triste e coberta de sombras, a doença o assombrava todos os dias uma vez que para onde quer que fosse, ele seria refém desse estigma. Quando uma pessoa tinha epilepsia, nesta época, era vista como portadora de um mal sem cura ou esperança de melhora e, por fim, terminava sendo vista como o próprio mal, por conta do desconhecimento a respeito da doença e das formas de minimizar seus efeitos. Portanto, é compreensível que Mário de Alencar se sentisse triste e vivendo sob sombras.

De acordo com o pensamento de Susan Sontag pessoas que sofrem de doenças estigmatizadas socialmente vivem com uma dupla identidade. Em seu livro *Doença como metáfora* trata da dupla identidade desses doentes, uma no mundo dos sãos e outra no mundo dos doentes. Neste livro, a autora aborda o tema dos “*usos da doença como figura ou metáfora*”, sob a perspectiva dos que, ainda hoje, têm câncer, hanseníase e tuberculose, e de como as pessoas que têm essas doenças sofrem e vivem sob o jugo das metáforas que cercam a doença e encerram os doentes em um círculo de maldição. Ainda que Sontag não o faça, epilepsia também pode ser inserida neste grupo de enfermidades estigmatizantes, pois também é cercada de metáforas negativas, que fazem com que aqueles que

⁶⁹ Carta de Mário de Alencar para Machado de Assis. Rio 2 de dezembro de 1906. IN: Fernando NERY. *Correspondência de Machado de Assis*. 1932. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica. p.171.

recebem o diagnóstico da doença sofram com o diagnóstico e com a percepção social da doença da qual são portadores,

“A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem tem dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos deste outro lugar. [...] é quase impossível fixar residência no reino dos doentes sem ter sido previamente influenciado pelas metáforas lúgubres com que esse reino foi pintado.”⁷⁰

Para os três autores analisados, a epilepsia era como uma coroa de espinhos que portavam em suas vidas privadas, diversa e paradoxal em relação à coroa de louros com que foram agraciados pela Academia Brasileira de Letras, pois a suposta imortalidade atribuída por suas glórias literárias contrastava dolorosamente com a evidência de sua mortalidade que a doença não deixava esquecer e com a constante ameaça de uma próxima crise. Tinham, portanto, duas identidades como escreve Susan Sontag, uma no reino dos sãos, como membros da ABL, intelectuais importantes do cenário literário brasileiro, e respeitados membros da sociedade fluminense da época. Ao mesmo tempo portavam também outra identidade, a no reino dos doentes, que fazia com que fossem vistos pela sociedade da época como *epilépticos*, conforme o diagnóstico médico sem esperança alguma que haviam recebido. Por isso a síntese saída da pena de Machado de Assis ao afirmar em carta dirigida a Magalhães de Azeredo ter um *“temperamento melancólico, apenas encoberto pelo riso já cansado.”*⁷¹ é expressiva de suas experiências comuns,

No caso da condessa de Iguassú, a epilepsia é coroa de espinhos e, ao mesmo tempo, título de glória que a vincula, pelo sangue, à coroa imperial. Ela necessita que sua doença seja conhecida, pois é esse o argumento que utiliza para legitimar sua filiação real. Mesmo que também se declare *infeliz e mal fadada*, e afirme que até sua mãe a considera uma pobre menina, em função das crises de epilepsia, esta é também, contraditoriamente, seu maior título de nobreza, pois uma vez que os médicos acreditavam que a principal causa da doença era a

⁷⁰ Susan SONTAG. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.11.

⁷¹ Carta de Machado de Assis para Magalhães de Azeredo. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1900. IN: VIRGILLIO, Carmelo. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. Pp.205-207

hereditariedade, segundo a visão da época esta seria a prova irrefutável de sua filiação real: D. Pedro I era *epilético* e havia contaminado sua prole com seu *grande mal*.

A experiência da epilepsia coroa de espinhos que se sobrepunha, na vida, às coroas de louros da Academia e à proximidade de sangue à coroa imperial, trazia consigo muitos medos. O próximo capítulo procurará esboçar os medos em relação à epilepsia presentes tanto na comunidade médica, quanto na sociedade e, sobretudo, nos que sofriam em seus corpos com esta síndrome e, em função dela, eram estigmatizados.

Capítulo III

O Fantasma Vestido de Negro

“Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado, sofrendo interdições e imposições sem que a escritora consiga evitar os artifícios, as interpretações, os lapsos e os recalques de toda uma vida sempre tão complexa e cuja totalidade constantemente lhe escapa.”

Lilian Maria de Lacerda.

3.1.

O Círculo Perverso do Medo

Trabalhar com escritos memorialísticos é sempre andar sobre um terreno arenoso, repleto de irregularidades, é tentar de certa maneira juntar peças de um quebra-cabeça incompleto. Quando juntamos peça por peça, podemos vislumbrar o que pode ter sido a vida daquelas pessoas, pois estes fragmentos de memórias são apenas o que deixaram ver de si mesmos. Esses escritos são também uma construção de si mesmo, a partir do que ficou na memória no momento em que alguém se sentou para escrever, *“essa dificuldade se articula às condições de produção de seu discurso e ao lugar”* do escritor como narrador e personagem. O texto assume um caráter *“auto-referencial”* e acaba por absorver as características e a personalidade do autor, *“não apenas de seu estilo, de sua maior ou menos afinidade com o traço literário, mas particularmente de sua identidade pessoal, sua auto-exposição diante do que registra ou silencia sobre o passado e sobre o que isso implica no presente.”*⁷²

É através deste pacto autobiográfico feito pelo sujeito-narrador consigo mesmo e com o seu leitor e cúmplice que é possível entrever através dos relatos memorialísticos de Mário de Alencar, Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e da Condessa de Iguassú como eles conviviam diariamente com a epilepsia, desde o momento que se levantavam até a hora que se deitavam para dormir. O medo é a palavra mais exata para traduzir o sentimento que os acompanhava todos os dias. Tinham medo de ter uma crise em público, medo da degeneração mental, medo de se tornarem criminosos, pois uma linhagem de médicos brasileiros que seguiam os

⁷² Lilian Maria de LACERDA. “Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica.” In Ana Chrystina Venâncio MIGNOT, Maria Helena Camara BASTOS e Maria Teresa Santos CUNHA. (Orgs.) *Refúgios do eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 87. Beleza! Nota perfeita!!!

ensinamentos do médico italiano Cesare Lombroso, acreditava que todo epilético era um criminoso em potencial⁷³.

A síndrome, também, segundo o discurso médico da época, podia levar o paciente à loucura, sua degeneração moral poderia se transformar em uma degeneração mental. De acordo com o doutor Manuel de Marsillac Motta o epilético trazia tantos danos ao meio social que deveria ser entregue à sua própria sorte, segundo esse trecho retirado de sua tese de doutoramento em 1900:

“Mas, que valem, sob o ponto de vista social, estes danos exclusivamente individuais do epilético, diante daqueles que a intromissão e o convívio delle na sociedade podem determinar?”

*“É melhor que o epilético se estrebuxe, se contorça [...] do que ser um homicida, um estuprador, etc. Entre o interesse individual e o coletivo o último sempre se sobrepõe ao primeiro. Por isso, a crise convulsiva epilética representa uma necessidade e uma vantagem. Sim. Que os direitos de cada um termine onde começam os direitos de outrem.”*⁷⁴

Na visão do doutor Marsillac, o bem da sociedade deve sobrepor-se ao direito do *epilético*, que é um *dano* para o meio onde vive, é melhor que este tenha *ataques*, ou que seja trancado em um asilo de loucos do que se torne um *homicida* ou *estuprador*. As descargas nervosas e motoras, ainda que levassem ao paciente um sofrimento físico, apresentavam menores prejuízos à sociedade, segundo o autor, que continua seu raciocínio no trecho abaixo:

“(...) as impulsões irresistíveis do horrível mal epilético são lesivas aos interesses sociais: vida propriedade e honra.[...]”

*O homicídio, o roubo, o incêndio, o estupro, a violência casual, etc., nada há capaz de fazer estacar o epilético diante da satisfação de seu instinto pervertido, de um desejo lúbrico, da violência de suas paixões, de suas impulsões criminosas enfim.”*⁷⁵

É possível perceber como o medo de sua impotência diante da epilepsia endurece os escritos dos médicos e cristaliza sua atitude em relação ao paciente. O médico acusa o paciente por ter a síndrome e atribui à epilepsia o título de maligna e isso faz com que a pessoa com epilepsia se torne maligno também. Este é o medo dos médicos diante dos limites da medicina que não sabe curar ou

⁷³ Sobre a relação entre epilepsia e crime, cfr. Maria Aparecida dos SANTOS. Relatório PIBIC 2006. In www.historiaecultura.pro.br

⁷⁴ Manuel de Marsillac MOTTA. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères. 1900. Tese apresentada perante a Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro em 30 de setembro de 1900 a fim de obter o grau de doutor em ciências médicas e cirúrgicas. p.51. Grifos meus.

⁷⁵ Idem. Ibidem. Pp.46-47. Grifos meus.

mesmo controlar uma doença, em um momento em que a medicina era a resposta para todos os males da sociedade. Segundo as palavras de Susan Sontag a respeito da tuberculose e o câncer, mas que podem ser aplicadas também a epilepsia:

“[...] no século XIX [...] reações a uma enfermidade considerada caprichosa intratável e caprichosa – ou seja, uma enfermidade que não se compreende – numa época em que a premissa central da medicina é que todas as doenças podem ser curadas.”⁷⁶

Não é difícil de imaginar que estes medos da medicina se transportassem para as pessoas da sociedade que não são médicas e que também não tem epilepsia, é o saber que transborda da ciência e atinge a sociedade. A ignorância médica acerca das causas da doença o que forçosamente é a ignorância de todos leva a medos fantasiosos, como o medo de se contaminar pela saliva do doente. Podemos encontrara evidência desse medo até hoje, quem nunca ouviu uma avó ou tia mais velha dizer que se pode pegar epilepsia pela baba? A própria utilização da palavra baba já é evidência de preconceito.

Essas permanências e associações discursivas em relação à epilepsia são perceptíveis quando vemos ainda hoje que quando alguém da família tem a síndrome os parentes escondem dos outros e evitam o assunto até mesmo entre si. As pessoas, em geral as mais velhas, evitam o nome clínico epilepsia, chamam de aquela doença, ou denominam como ataque.

Assim como os médicos e a sociedade tinham seus medos em relação a doença, com certeza as pessoas com epilepsia também tinham seus medos relacionados a síndrome, e alguns deles aparecem nos escritos de Machado de Assis, Mário de Alencar, Carlos Magalhães de Azeredo e da condessa de Iguassú.

A constante preocupação com o tema da loucura está presente em vários escritos de Machado de Assis, não é a toa que o escritor dedica um livro inteiro sobre esse assunto, no caso o livro *“O alienista”*. Com certeza este era um assunto que muito o preocupava, em função daquilo que o saber médico de então considerava como um dado: a probabilidade de enlouquecimento de alguém com epilepsia. Não é difícil imaginar o que deveria ser para uma pessoa como ele, que era um grande escritor, reconhecido por sua inteligência, conviver com o terror

⁷⁶ Susan SONTAG. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.12.

constante de se tornar um louco! Não é de admirar que não contasse a ninguém, exceto aos mais chegados sobre sua moléstia. Segundo sua biógrafa, Lúcia de Miguel Pereira, em uma afirmação não isenta de preconceitos, para entendê-lo é necessário levar em conta seu drama pessoal:

*“Para compreendê-lo, é preciso não esquecer precisamente daquilo que procurou ocultar: da origem obscura, da mulatice, da feiúra, da doença – do seu drama enfim.”*⁷⁷

De acordo com os médicos da época Machado não era uma exceção, pois muitos acreditavam que a epilepsia tanto poderia criar *degenerados* como, ainda que em menor número, *progenerados*, o doutor Marsillac escreve com relação a esse pequeno grupo de *epilépticos* que em lugar de decair física e moralmente em função de sua doença, apresentavam-se como seres de exceção:

“O epilético é o verdadeiro campeão da assimetria. Justamente por isso há o aparecimento de verdadeiros gênios em indivíduos comprovadamente epiléticos.

*É raro encontrar um epilético no qual a moralidade e a inteligência entrem naquelas proporções que constituem a organização psíquica do homem perfeitamente equilibrado.”*⁷⁸

E, na seqüência do texto, o autor concorda que apesar de existirem exceções - e podemos incluir Machado de Assis nesse grupo - também estas pessoas viverão constantemente ameaçadas pela perda de seu equilíbrio mental, pois as constantes crises poderiam *quebrar a normalidade* o que faria que gradativamente aquela pessoa se *desumanizasse*, e por fim, *se animalizasse* por completo.

“O grande mal capaz de levar a maioria dos homens até os limites da animalidade também pode levar o homem às qualidades mais dignificantes do caráter.

*Porém, esta elevação da intelectualidade cai na medida em que os ataques são mais freqüentes e duram mais tempo, ou seja, a medida que a degeneração se acentua.”*⁷⁹

⁷⁷ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1988. p.26. Grifos meus.

⁷⁸ Manuel de Marsillac MOTTA. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères. 1900. Tese apresentada perante a Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro em 30 de setembro de 1900 a fim de obter o grau de doutor em ciências médicas e cirúrgicas. p.36-37. Grifos meus.

⁷⁹ Idem Ibidem. p.38-39. Grifos meus.

Portanto era de se imaginar por que, para Machado, era tão difícil conviver com a doença, de forma que mesmo em seus escritos literários, quando fazia alguma raríssima alusão à epilepsia, não utilizava o nome clínico da doença. Apenas uma vez em toda sua obra, na primeira edição do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deixou escapar a palavra *epilética*⁸⁰, mas na sua segunda edição ele a substituiu por *convulsa*. Não nomear a doença era o mesmo que negá-la e lutar contra ela. Muitos críticos de Machado acreditam que seus escritos literários têm muito de autobiográficos, por isso talvez possamos considerar as palavras finais de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como um desabafo pessoal ficcionalizado:

*“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de
nossa miséria.”*⁸¹

O legado de nossa miséria incluiria provavelmente para Machado, de forma particular e dolorosa, a epilepsia e, como seus contemporâneos que compartilhavam com ele o diagnóstico de uma doença ainda mais estigmatizante em seu tempo do que é hoje em dia, ele saberia por experiência o que é o medo de transmiti-la a sua prole. Talvez este tenha sido o motivo para que Machado e Carolina não tivessem tido filhos, por medo que estes nascessem com a mesma doença do pai, pois os médicos da época acreditavam que a hereditariedade era um fator determinante de transmissão da epilepsia e sua principal causa. Muitos sustentavam, inclusive, que casamentos de *epiléticos* deveriam ser proibidos, uma visão eugênica para evitar que fossem gerados bebês degenerados, que no futuro se tornariam um transtorno para sociedade.. Alguns médicos chegaram a defender a esterilização dos *epiléticos*, e nos Estados Unidos, país em que as *colônias de epiléticos* se multiplicaram, foram registrados casos de esterilização de pessoas diagnosticadas como epiléticas, inclusive crianças.,

Outro temor recorrente nos *epiléticos* da época estudada, e que continua a assombrar os que recebem o diagnóstico de epilepsia hoje, é o de ser surpreendido por uma crise em público, Esse medo se justificava – e se justifica – pela crise

⁸⁰ Idem Ibidem.p.30

⁸¹ APUD Margarida de Souza NEVES. *Em primeira pessoa: Escritos autobiográficos de pacientes com epilepsia no Brasil do século XIX*. In www.historiaecultura.pro.br.

constituir-se na evidência inegável da epilepsia, e, naquele tempo mais que hoje, pelo caráter incontrolável dessas manifestações e pelos estigmas que cercavam a doença. Ao contrário de Mário de Alencar e Machado de Assis, a condessa de Iguassú e Magalhães de Azeredo, não registraram em seus escritos esse medo de ter crises na rua, como foi o caso dos outros dois missivistas.

O medo freqüente identificado nos escritos de Mário de Alencar é ter uma crise em público e, quando a doença de Machado se agravou e este passava mal constantemente, o amigo evita ir vê-lo. Em uma carta diz ao amigo que queria ir vê-lo mais tem medo, como deixa entrever o trecho a seguir:

*“[...] comecei a sentir aquele estado infundável dos nervos, e inquieto com o medo do medo, faltou-me o ânimo de chegar a secretaria, onde eu receava ter o mesmo mal-estar da outra vez. Saí em direção a Garnier, e lá ficaria esperando –o até as 3:20. No Garnier estaria perto do wemack, caso me viesse o mal.”*⁸²

Mário vive sob o medo constante de ter uma crise, tem *medo do medo*, é refém de sua doença, procura passar pelos lugares em que é conhecido aonde as pessoas provavelmente o conhece e sabem como lidar se ele tiver uma crise na rua. E na mesma carta continua dizendo ao amigo sobre seu medo:

*“Veja a que estado físico e moral me reduziram os nervos; sob a ação mórbida deles fico egoísta e covarde. Deixei de vê-lo, e, entretanto o coração me pedia que fosse, e eu tinha desde a tarde anterior a sua lembrança.”*⁸³

Por várias vezes Mário escreve ao amigo que tinha intenção de ir vê-lo, que o seu desejo era passar aí os dias fazendo-lhe companhia, mas:

*“(...) Não realizo somente porque não disponho de mim, governado como sou destes nervos doentes e agora piores depois da impressão de 5º feira passada. Estes últimos dias tenho sofrido a angústia do medo, na rua e no bonde. Adeus. Creia na minha amizade verdadeira.- Seu- Mário de Alencar.”*⁸⁴

A epilepsia era para os homens desta época uma grande incógnita, eles tal como seus médicos, não sabiam como lidar com a doença, e por isso viviam o que Jacques Le Goff caracterizou como a

⁸² Fernando NERY. *Correspondência*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1942.p.297-298.

⁸³ Idem Ibidem.

⁸⁴ Idem Ibidem. p.213.

*“angústia diante da **fragilidade da condição humana** e procura por todos os meios negá-la, ocultá-la, afastá-la do seu horizonte e, último recurso, fugir daqueles que são atingidos por ela⁸⁵”.*

A preocupação em relação às crises ocorreu de igual modo com de Maria Isabel se evidencia no fato de sua mãe, a marquesa de Santos resolver manter na escola junto com a filha sua ama Vicência, pois esta já conhecia todas as suas “*moléstias*”.⁸⁶ A marquesa assume o ônus financeiro e social de manter a ama Vicência junto à filha na escola, para ter a certeza de saber que haveria alguém perto da menina que na infância era chamada em casa pelo apelido familiar de Bela. Não é difícil imaginar o alvoroço e o constrangimento provocados em uma escola de meninas da boa sociedade quando uma criança, por todos reconhecida como filha bastarda do imperador, em crise convulsiva. A presença constante da ama Vicência, que a criara desde que nascera e sabia o que fazer quando a crise se manifestava, permitia não apenas que a menina fosse atendida, mas que fosse subtraída aos olhares assustados das outras crianças e das professoras, minimizando assim o constrangimento de Maria Isabel, e, sobretudo da família e da escola.

Magalhães de Azeredo também não é explícito em seus escritos quanto a sua preocupação com a possibilidade de ter crises na rua. Em seu livro de memórias, na segunda parte intitulada “*Harmoniosa Mocidade*”, o autor escreve que por ocasião de sua mudança para Roma, quando se estabelece em Rocca di Papa, o clima local não lhe fez bem:

*“[um] brusco abaixamento térmico acabou por [...] bulir nos **nervos**. [...] comecei a sentir um recrudescimento das desordens nervosas, que pela primeira vez me havia atacado em São Paulo, quando estudante, e desde então se me tinham aninhado no organismo, **em forma potencial ou larvada**, prontas a emergir em assaltos ligeiros ou rudes, curtos ou longos, como me aconteceu em várias quadras da minha vida. Era um mal estar vago, mas que logo se tornava terrivelmente angustioso, como soem ser as perturbações desse gênero; caracterizava-se **por tonturas, sufocações, vapores quentes no rosto e na cabeça, extremidades frias, náuseas que com frequência rematavam em vômitos; com tudo isso, um terror estranho, excitado por apreensão de males graves ou gravíssimos** [...]. Não era raro que, estando a palestrar despreocupadamente, caísse*

⁸⁵ Jacques LE GOFF. “História do Cancro” In *As doenças tem história*. Lisboa: Terramar, 1985. p.175.

⁸⁶ Carlos MAUL. *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D.Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942. p. 5 da carta transcrita.

de súbito no chão, reerguendo-me logo, porém ser ter perdido os sentidos nem o fio das idéias, e continuando a conversar. ⁸⁷

Esta é uma referência particularmente significativa. Nela é possível encontrar indícios da explicitação do diagnóstico que recebera dos médicos, que distinguiam então a *epilepsia tônica* – o *grande mal*, acompanhado de crises com perda total dos sentidos – da epilepsia sob a forma larvada – que por vezes chamavam de *pequeno mal*, com características menos dramáticas -. Aqui também, não é difícil identificar a descrição dos sintomas do que os médicos identificavam como a *aura* que precede a crise, e que o autor descreve como *um mal estar vago, mas que logo se tornava terrivelmente angustioso*, para em seguida detalhar os sintomas e manifestações que experimentava, sem deixar de mencionar o medo, que não hesita em caracterizar como *um terror estranho, excitado por apreensão de males graves ou gravíssimos*.

Nesta citação, por fim, está a explicitação do sintoma clássico do *mal caduco*, eufemismo utilizado pela medicina da época para referir-se à doença, caracterizada pela *queda súbita ao chão*. E chega a ser comovente a tentativa de minimizar sua própria sina de *epiléptico* ao garantir que não perdia *os sentidos nem o fio das idéias*, e, portanto, repetir quase ao pé da letra a anamnese médica para os casos que classificavam como de *epilepsia larvada*, menos devastadora que a doença na sua forma convulsiva. E, por fim, não demonstra constrangimento pelo fato de cair de *súbito*, pois não *perdia o fio das idéias*, não perdia sua consciência e seu controle sobre o corpo como seus amigos e a própria condessa de Iguassú. Por isso, talvez não admita sentir-se constrangido, não se sinta à vontade para assumir em sua autobiografia que era um *epiléptico*, que tinha medo de sair na rua por temer ter uma crise em público, e que a descrição feita não seja o relato frio de sintomas, mas o relato de um sofrimento que apenas a expressiva omissão da reação dos que estavam à sua volta no momento da queda brusca permita intuir a dimensão.

Magalhães de Azeredo apesar de mencionar poucas vezes sua doença nesta primeira parte de suas memórias, que corresponde a cento e cinquenta e

⁸⁷ AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.236. Grifos meus.

quatro páginas, termina a narrativa de sua infância e adolescência com a seguinte reflexão:

“Mas levava também os germes daquela tendência inata para tristeza, que já na infância e na adolescência me havia por vezes torturado. Tristeza sem motivo definido, tristeza mórbida, tristeza física, direi assim, que me empolgava de chofre no meio da mais límpida tranqüilidade ou da mais extrema alegria, como a um homem todo imerso no deleite de um idílio suave, ou na excitação jubilosa de um baile, a visão subitânea de um fantasma vestido de negro [...]”⁸⁸.

Se a palavra *epilepsia* é evitada constantemente, a metáfora do *fantasma vestido de negro* é especialmente forte para expressar a experiência, o medo e o desconcerto da experiência da doença. E a utilização de expressões tais como *germes daquela tendência inata*, que Magalhães de Azeredo afirma ser uma *tortura* vivida desde a infância; *tristeza sem motivo*, *tristeza mórbida*, *tristeza física*; ou daquilo que lhe *empolgava de chofre no meio da mais límpida tranqüilidade* não deixa de retomar, na descrição de seu eu mais profundo, os termos tantas vezes utilizados pelos médicos de sua época para caracterizar a epilepsia, o *grande mal* que atacava sem aviso, que era herdado e inevitável, que trazia consigo um temperamento incontrolável, e que fazia dos que eram diagnosticados como epiléticos pessoas marcadas por uma dor sem tamanho que o autor só consegue expressar ao repetir por quatro vezes a palavra *tristeza* no mesmo e breve parágrafo. E que afirma se uma tortura vivida desde a infância.

Cena dramática é a de Machado de Assis, um dos maiores escritores de seu tempo, grande intelectual, imortal da Academia Brasileira de Letras, de repente caído ao chão com seu corpo agitado por convulsões violentas. Um homem guiado pela razão que de um momento para o outro não pode dominar seu corpo e perde o controle de si? Essa cena ocorreu várias vezes, e seu relato é encontrado não só nas cartas trocadas com seus amigos Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, que sabiam por experiência própria o que era o medo e a experiência das crises, mas também foi mencionada por outras pessoas que testemunharam suas crises.⁸⁹

No dia primeiro de setembro de 1907, Machado estava no Cais Pharoux, aguardando a chegada do *político francês Paul Domer, cuja comitiva de recepção integrava* de repente é *“agarrado de surpresa pelo seu grande mal”*. Um

⁸⁸ Idem Ibidem p.158.

⁸⁹ Lúcia de Miguel PEREIRA. Machado de Assis. Op. Cit.. p.82.

fotógrafo não identificado que se encontrava no local para fotografar o político, registra com sua câmara o momento dramático em que o escritor, depois de ser acometido pela crise, se recupera. Mas ainda assim mantém o respeito e não fotografa o escritor de frente, o focaliza de costas sentado em um banco, com a cabeça amparada, provavelmente, por um amigo. A fotografia foi publicada em diversos periódicos no dia seguinte ao registro, que dão a notícia de que o escritor *passou mal* no dia anterior.⁹⁰



Machado de Assis tendo uma crise no Cais Pharoux

Na imagem é possível perceber os olhares curiosos das pessoas que passavam pela praça, um senhor de pé que o abana com um leque tentando dar-lhe um pouco de conforto. Em torno, há olhares curiosos, espantados ou solidários com esse homem agraciado com o título de imortal, mas que tem sua fragilidade evidenciada em praça pública diante de estranhos, pelos quais a epilepsia é temida.

E o que acontece após a crise? E quando Machado recobra os sentidos, abre os olhos e se depara com esses olhares sobre si? Segundo Lúcia Miguel Pereira, que não deixa de assinalar a dimensão física e moral da crise e de sua

⁹⁰ Dau BASTOS. *Machado de Assis. Num recanto, um mundo inteiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p.266.

percepção como *uma humilhação*, sua primeira atitude era se aprumar e dispensar a pessoa que o socorria:

*“Mas a regra era a convulsão brutal, repentina, que o deixava moído, física e moralmente. Nunca se afez ao mal, sempre o sentiu como uma humilhação, parece ter-se voltado contra os que, nessas horas, o socorriam.”*⁹¹

Também para Machado a epilepsia era uma inimiga, que *estava sempre à espreita*, que *cavava abismos sob seus pés* quando um terremoto provocado pelos *solavancos*⁹² de uma crise o sacudia em plena praça pública diante de olhares curiosos e assustados dos transeuntes.

A fotografia muda o foco habitual da imagem do escritor discreto e reconhecido, do acadêmico imortal, sereno e admirado por seus pares e pelos meios letrados da cidade. A epilepsia é uma síndrome diante da qual tanto os médicos quanto seus pacientes constataavam a impotência, e por isso assustava e era cercada de medos. Por isso os doentes preferiam não reconhecer sua doença, mesmo que de forma inconsciente, pelo medo constante de uma crise iminente que os levava à exposição pública de uma doença cercada de preconceitos; pelo medo de serem vistos como *degenerados*, criminosos em potencial ou evidência viva de algum vício escuso pessoal ou familiar; pelo medo de serem os responsáveis pelo mal transmitido aos filhos; pelo medo ou pelo medo dos limites da medicina para lidar com a doença. Pelo medo, em fim, do olhar dos outros, já que *“mesmo no seio da família, os comportamentos de rejeição podem ser uma terrível crueldade”*⁹³.

Por tudo isso a epilepsia é temida. E, assim como se cerrou em torno de Machado de Assis, naquela manhã de setembro de 1907, no cais Pharoux, o círculo daqueles que as lentes de Augusto Malta registraram em torno dos que eram diagnosticados como *epiléticos*, o círculo perverso do medo se cerrava.

⁹¹ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis*. Op. Cit.p.152.

⁹² Idem Ibidem.

⁹³ Jacques LE GOFF. “História do Cancro” In *As doenças tem história*. Lisboa: Terramar, 1985. p.176.

Conclusão

“Porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato.”

Machado de Assis. *Papéis avulsos*.

Escritos autobiográficos costumam despertar interesse nos leitores. É um tipo de fascínio voyeurístico movido, não poucas vezes, por um sentimento de bisbilhotar a vida do outro sob seu próprio olhar, em busca de uma verdade. Mas no caso deste tipo específico de escritos, a verdade está em muitos lugares e ao mesmo tempo em nenhum lugar, pois o que é apresentado pelo autor não é a transparência do que aconteceu, mas sim um tipo de construção do vivido.

Se, por um lado, saber disso de certa forma quebra o encantamento desses escritos, por outro lado, conscientes de que são construções para determinados leitores esses textos possibilitaram um acesso particular a experiência da epilepsia no final do século XIX e início do XX no caso deste trabalho. Foi uma tentativa de apreender não uma verdade positiva, mas sim de conseguir perceber a maneira como alguns homens e uma mulher se viam com relação à epilepsia.

O que foi possível perceber nestas experiências foi que a epilepsia se tornou um traço definidor de suas identidades pessoais. Um traço triste, mas que no caso de Machado de Assis, Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo possibilitou a criação de uma rede de união e solidariedade entre eles. De acordo com os escritos analisados neste trabalho é possível apreender também que a epilepsia tem um papel central nessa correspondência, assim como na vida privada desses homens. Permite que o silêncio acerca da doença se esgarce, ou seja, em um ambiente que estes intelectuais consideraram ser seguro e com pessoas que sofriam do mesmo mal, se atreveram mencionar, mesmo que de forma discreta e sempre eufemística, a epilepsia e os sofrimentos que a doença lhes causava.

No caso da condessa de Iguassú a epilepsia não só é um traço definidor de sua identidade pessoal, mas também é utilizada como uma comprovação empírica de que era filha do imperador D. Pedro I. A epilepsia era uma contradição em sua vida, pois ao mesmo tempo em que era uma *condenação*, conforme o pensamento da época acerca da doença, era também seu título de glória, pois

permitirá afirmar a paternidade do imperador ao se utilizar do argumento médico que afirmava que a epilepsia era fatalmente transmitida hereditariamente.

Ao fim ao cabo, a análise realizada por este trabalho terminou por evidenciar o peso do interdito sobre a epilepsia no caso dessas quatro pessoas, que de formas variadas e com nuances significativas, sublinham em seus escritos que o silêncio a respeito da doença parece ser mais eloquente do que as palavras. Esses depoimentos autobiográficos comprovam que esse silêncio é bastante significativo, ainda que um leitor informado sobre a epilepsia destas quatro pessoas e sobre o pensamento médico da época seja capaz de identificar indícios que permitem, por um lado, descobrir o universo de sofrimento pessoal dos que recebiam esse diagnóstico e, por outro, a presença do pensamento médico da época na imagem que faziam de si mesmos, e, sempre veladamente, inscreviam nas cartas escritas aos que compartilhavam a experiência da doença ou em texto de natureza autobiográfica.

Anexo

Carta autobiográfica da Condessa de Iguassú

“Minha amiga Emília.

Pede me que te conte a minha historia (isto é a minha vida vou te fazer a vontade vaes ver nella que o dictado que se diz cabe bem para triste filha bastarda do sr. D. Pedro I) bem nascida e mal fadada. Tua amiga Maria Isabel. HISTORIA DA VIDA DA FILHA BASTARDA DO SR. D. PEDRO 1º. Desde o ventre de minha Mãe eu principiei a soffrer. Estando ella grávida de mim com dois mezes quiz meo Pae a matar dizendo q. eu não era sua filha, então meu tio José de Castro pondo se na porta do quarto de m. Mãe na ocasião em que meu Pae queria entrar o embargou o passo e lhe perguntou aonde elle ia meo Pae respondeu matar aquella q. diz q. está grávida de mim não sendo meo o filho, então meo tio lhe disse Sr. se o filho ou filha q. minha irmã tiver não for seo eu lhe dou a minha cabeça. Nessa mesma ocasião que se passou isto que acabo de ain [sic] contar meo Pae mandou m. Mãe e toda a família para S. Paulo terra natal de m. Mãe e Avó no (m. Avó era de uma illustre família decendia dos Toledos Ribas e meo Avô da casa dos Castro Canto e Mello, já se vê por parte de Mãe tãoobem sou nobre) anno de 1829. Eu nasci a 28 de fevereiro de 1830 com o sello de bastarda tanto por parte de Pae como de Mãe não sendo culpa della, mas de meo Pae que não quis que ella me reconhecesse no batistério. Nasci sofrendo, pois estando m. Mãe brincando o entrudo a dois de fevereiro atirarão uma laranginha aqual veio lhe dar sobre o ventre de tal maneira que estando ella por infelicidade della e minha com uma imagem da Sr.^a da Conceição que ella sempre no pescoso estar ella pendente, e justamente caiu a laraginha sobre ella eu estava de frente fui que levei a Conceição na testa desde esse dia até 28 eu levei de convulsões no ventre de m. Mãe nasci com atesta metida para dentro com a imagem perfeita na testa, foi preciso eu ficar anno e meio presa no quarto e tudo calafetado para eu não apanhar ar p. assim eu ficar perfeita da testa pois tenho o osso da testa partido, felizmente não fiquei com defeito nenhum, isto soube minha Mãe que me contou. Fui baptisada em casa do Sr. bispo Dom Manuel com o nome de Maria Isabel foi meo padrinho José de Castro

meo tio e minha madrinha minha irmã D. Francisca Coelho de Mendonça e Castro mulher de meo tio José de Castro Canto Canto e Mello aminha ama se chamou Bernardinha era branca e filha de nossa Sr.^a do Ó creou-me até eu ter anno e meio, desmamou-me, m. Mãe que Deus tenha sua alma em bom lugar deulhe tudo (sítio e escravos) e o mais tudo em paga de minha criação. Depois que ella saio tres mezes tive sarampos e foi preciso eu tornar ter ama então veio me dar de mamar uma preta escrava de m. Mãe cuja preta foi escarva de Sta. Cruz fazenda de meo Pae (ella chamava Vicencia era negra nas cores mas uma verdadeira senhora nos sentimentos).

Até idade de 3 annos não tive nada, d'ahi principiei a soffrer e dessa idade com a morte de m. irmã e madrinha que me fez muita sensação me lembra de Ter chorado muito por que a ella devo todos os carinhos de uma Mãe, ela coitada me amava mais do que a sua própria filha, me lembro como criança brincar com as plumas que ella tinha na cabeça e com o manto por ser bordado de ouro, para ir se enterrar no Carmo vim a saber depois que era vistuario de dama do paço, ella morreo com 18 annos e era dama de S. M. a Imperatriz Leopoldina. Perdi nella uma Mãe e uma verdadeira amiga fiquei eu soffrendo do peito com os suores que ella tinha (pois ella morreo do peito) eu vivia sempre doente, até a idade de 7 annos. Todos me adoravão tanto parentes como conhecidos e amigos e amigas de Mamãe, o que não queria Yayá (assim he que todos me chamavão menos Mamãe essa me chamava pelo doce nome de bella) que todos não estivessem promptos p. fazer ou brincar o que eu quisesse, eu sei que uns eram p. agradar Mamãe, mas muitos não! Porque eram meus verdadeiros amigos, ainda existe na cidade de S. Paulo algumas dessas Senhoras e q. são minhas amigas desse tempo, Senhoras de idade, e assim o secretario do senhor Bispo (hoje Bispo de S. Paulo) e da mesma maneira o dr. Chaves. Creio nessas Senhoras e nesses dois, porque ainda elles tem a mesma linguagem para commigo como se eu fosse criança. Ah! Tempo feliz, choro esse tempo de creança porque tudo são flores e tudo he prazer, ainda que eu vivia sempre doente mas era feliz. Me esqueci de te dizer minha amiga, aos 4 p. 5 annos tive a 2º perca, e essa amaior de todas a morte de meo Pae, e depois se segui a de minha tia D. Anna Candida de Castro Oliva, essa queria ver chorar os filhos mas a Yayá nunca, senti muito a sua morte (essa ocasião recebeu Mamãe uma carta de

paris escripta pelo defunto Marquez de Resende, cuja carta tu a verás que por ella meo pobre Pae me reconheça sua filha). Vivi como te disse doente ao ponto que quando fiz 7 annos já me davam por tísica, se estou viva devo ao sr. dr. Ellis, médico Inglez que morava em S. Paulo era elle o médico da casa de Mamãe fez o dr. Ellis me sahir umas sarnas pelo corpo todo e com isso fiquei boa (antes não tivesse elle me curado, eu morria pequena pouco haviam de chorar por mim, e eu estaria livre de soffrer o que tanto tenho soffrido). Eu já tinha 8 annos quando me appareceu amoléstia de minha familia por parte de meo Pae, as convulsões tive 3 em S. Paulo que ninguém nem mesmo Dr. Ellis pensou que da última eu tornasse a mim. Voltei em mim e então decidio o dr. Ellis e Mamãe em me trazer p. o Rio para eu mudar de ares, vim com Mãe tivemos uma viagem horrível um temporal tão grande que o vapor foi obrigado a parar em S. Sebastião 3 dias, era um borborinho a bordo, eu só ouvia batermos numa pedra, o navio faz agoa deiziam outros minha pobre Mãe que tinha muito medo chorava e rezava e me abraçava dizendome tu és muito infeliz minha filha a primeira viagem que fazes soffreo tanto o que será tua vida d'aqui por deante, chegamos ao Rio felizmente sem mais embarços, fomos morar em S. Cristóvão na casa pegada a Marquesa de Jaccaré Paguá. Mamãe logo foi ver o melhor collegio para ella me deixar, enculcavão o da Archinno no Botafogo lá entrei no mez de agosto de 1839, pagou minha Mãe também a entrada de minha ama Vicencia como se fosse outra eu para assim eu ter uma pessoa que ella tinha confiança perto de mim, pois Mamãe já sabia e conhecia todas as minhas moléstias e o que me fazia bem pobre negra como ella me tratava como uma mãe trata uma filha, assim foi a mestre que me queria muito bem ao ponto de quando as outras meninas queriam brincar de noite ou hirmos passeiar eu he que ia pedir a mestre e ella logo dizia que sim de maneira que fui querida dos mestres e de todas as meninas, uma Ingeza coitada de Miss Poter ella era muito boa, ahi neste quarto tive eu uma febre muito forte e tive convulsões as mestre e a irmã coitada não sabiam que fazer veio o médico, sei que estive muito mal não só porque minha ama me disse como eu de ver tanto a mestre e a Irmã duas dias perto de mim, as noites vias sentadas perto de mim de dia se revesavão, sou e hei de ser toda a vida grata a Hichings e a sua irmã (ambas já falecidas.) Minha amiga, logo que nos chegamos de S. Paulo veio o Samuel

Phelipp falar com Mamãe para me entregar p. elle me levar p. Europa por ordem de S. Magestade a Imperatriz Amélia ouvi Mamãe dizer não entregar minha filha como um fardo pois ella não me he pesada, e depois he uma menina muito doente que precisa ainda os cuidados de uma Mãe, deixe ella ficar mais forte e venha alguma sebhora buscala e eu a entregarei pois não quero de maneira alguma fazer o contrario da vontade de seu Pae. Muito tempo depois soube Mamãe que a senhora do Sr. José Maria Velho e uma outra senhora he que iam me levar, mas o sr. Samuel Phelipp nada disse a Mamãe, S. M. a Imperatriz Amélia e assim muita gente pensou que Mamãe não quis me entregar. Estive no collegio ate idade de 11 annos e 10 mezes, eu não ia p. casa porque Mamãe foi p. S. Paulo, sahia só nas férias e ia p. casa do dr. Luiz Ferreira da Silva Maia casado com minha prima d. Carlota Maria de Oliva Maia, nessa casa morava tãobem a família da Prima Maia, a mãe de toda família me estimavão e sou grata não só a sra. Carlota que ainda existe e Mãe, irmãs de Prmo. Maia da maneira que fui tratada por elles. Sahi do Collegio e fui p. S. Paulo, justamente Mamãe estava arrumando p. ir p. Sorocaba por que meo padrasto Rafael Tobias lá estava e meo irmão Felício tinha a vindo buscar. Sahimos da cidade 15 a 2 dias depois que cheguei, eu fiquei muito contente, como creança (pois eu sempre gostei muito de andar a cavallo), mas fui infeliz nessa viagem porque logo ao primeiro dia em lugar de andarmos 5 léguas, andamos 12 porque meu irmão Felício errou o caminho, a pobrezinha da Mamãe não sabia, ela chegava nas fazendas perguntava o caminho dizião-lhe va direta quebra à esquerda que a Senhora dá no caminho. Nós seguia-mos a Mamãe ela mais aflita ficava por ver 4 crianças ao lado dela, eu 10 annos, meu irmão Rafael de 8 annos, mano João de 6 annos, faça você edéa em que apuros se viu Mamãe, no fim fomos ter auma fazenda na qual nos dicerão que estavamos em Sta. Fé distante 12 léguas de S. Paulo ai apiemos para almoçar, mas eu não podia estar com o quarto direito em miseravel estado de inchado, assim mesmo tornei amontar e fizemos mais umas léguas que eu não sei te dizer quantas p. chegarmos a São Roque, no outro dia eu fui de litreira pois sempre andava uma litreira com Mamãe em viagem levava ella meu irmão Antonio e Basilico, Heitor meu irmão ,mais moço ia noutra litreira ia com a ama que ao estava criando. Totonio foi a cavallo, esse tinha 4 p. 5 annos, e Basilico carregado por um

preto a cavallo p. eu ir na litreira deitada. Chegamos a Sorocaba, não me lembra mas parece no outro dia lá estávamos, achamos meu Padastro como presidente, nunca vi um homem chorar como meu Padastro, dizia elle a Mamãe agarrarão-me não me deixaram seguir minha viagem pois v. bem sabe que fugi de S. Paulo para não ser metido nesta revolução, fui do Monte Alegre mas não escapei do Feijó, elle coitado, emprestarão tudo p. elle ir ser Presidente, pois sei por Mamãe que elle só tinha levado na malinha 2 camisas de riscado, 2 calças grossas de cor e 2 jaquetas, já se vê que elle não ia prevenido p. nada; mas pelo que o fizeram presidente, foi elle Ter fortuna que podia gastar, como gastou, tanto da delle quanto a de Mamãe p. a tal revolução de S. Paulo, havia gente muito luzida, mas não havia chefe p. tomar conta, isto eu ouvi dizer Mamãe muitas vezes, Sr. esta revolução há de nos dar muitos desgostos, que tem o Feijó que perder nada! E o Sr. tudo. Que homem era tal Sr. Feijó, eu não gostava nada delle, elle era aleijado e andava de moletas, e meo gosto era ver quando chegava algum batalhão de cavalaria, todos estavam bem deceplinados, alguns sabiam bem o manejo das armas, mas outros coitados pouco sabiam. Meu tio José de Castro não tinha ido comnosco, tinha vindo pro Rio assestir ao casamento de prima mathilde Sodrê, filha de minha tia a Baronesa de Sorocaba, nós muita falta sentiamos de tio José não estar comnosco era nosso Pae e companheiro, Mamãe mais falta achava porque nunca tio José se separou da Mamãe houve logo ordens de não haver comunicação entre S. Paulo e Sorocaba de maneira que tio José só foi para S. Paulo quando soube que tudo estava acabado. Estávamos nós em Sorocaba não sei em que mez entrou o Marquez de Caxias em Sorocaba o que me lembra é o que houi dizer houve um tiroteio nanossa tropa e as do Caxias e elle está perto de Sorocaba (foi uma vergonha para os Paulistas aquella revolução gastou o Tobias muito dinheiro para nada). Um dia ouvi Mamãe dizer Tobias tem de sahir de Sorocaba se succeder alguma coisa eu hei de o acompanhar, vi se preparar o altar de D. Gertrudes perguntei eu a Mamãe porque estava armando o altar ella me disse que era p. um baptisado, he verdade que houve esse baptisado, mas antes eu vi Mamãe sahir muito bem vestida do quarto e meu Compadre (assim he que eu⁷ chamava o Tobias porque tinha sido madrinha de uma irmãa minha filha delle) de casaca, eu fiquei olhando e assim minha sobrinha Escolástica e nada perguntamos haver

o que ia se passar, era 5 horas vimos Mamãe e o padre Capellão da casa e meo Compadre se dirigirem para o altar e principiou a cerimônia, então vimos que a Mamãe hia se casar ambas principiamos a chorar se nos perguntassem pelo que choravamos nós não sabíamos, pelo que, acabou-se o casamento, Mamãe veio a nós, a mim ella disse Bella minha filha eu fiz isso para que nunca te envergonhasse de tua mãe, tu já estais quase moça era preciso que eu fizesse isto; eu então respondi, pensei que Mamãe era casada com meo Compadre, hai he que se soube, pobre Mãe fez isso por nós e ella depois soffreo tanto!

No outro dia não vimos mais meu Compadre, tinha sahido de Sorocaba, pois 4 dias depois fomos todos para o convento de Sta. Clara, pois a Abadessa era prima de meo Compadre, não só nos fomos, como Mamãe e a Mãe do Tobias (ade meo Compadre como a d. Anna irmãa delle, lá estivemos não sei quantos dias parece-me que não estávamos 8 dias, quando huma manhã foi visitar a Abadessa hum Compadre della, e foi dar partev que no outro dia tinha de ir no convento muitos soldados e todos tinham de entrar para revistar o convento para verem se meo Compadre estava lá escondido porque tinha ido uma denúncia sobre isso ao Caxias, e que não só revistar o convento como saquear, faça edéa minha amiga como ficou a Abadessa veio ella p. cima chorando e dizendo o que será de mim e de tantas irmãas que aqui estão e contou a Mamãe e a d. Gertrudes ahi foi que conheci o gênio da velha d. Gertrudes ella agarrava nos cabellos, (ella tinha os cabellos cortados, e ella era aleijada das pernas e andava em uma cadeira de rodas) e dizia porque Deus não me há de dar tantos homens quantos fios de cabelos assim meo filho não avia de estar soffrendo Deus sabe quantas privações e desgostos (eu estava olhando p. ella pois de todas as meninas e meninos que lá estavam era eu a quem ella queria muito mais, não me largava um estante se Mamãe me prendia no quarto quando eu não sabia minha lição ella mandava Mamãe me tirar e trazer-me p. perto della, ao mesmo tempo que d. Gertrudes tinha um gênio muito forte, era abondade em pessoa) vi que ella tinha o rosto ferido, eu perguntei a Mamãe e ella me disse que era de tanto chorar por meo Compadre seu predilecto de homem erca o único que tinha; Mamãe respondeu à Abadessa que era impossível o Caxias dar semelhante ordem que ella conhecia muito o Caxias : ficarão mais um

pouco sossegadas, mas assim mesmo levarão os caixões de prata e outros de barras de prata e outros de barra de ouro de d. Gertrudes p. enterrar, nos prenderão n'uma sella para não assistirmos o que irão fazer, faça edéa minha amiga o que não faria 3 meninas presas numa cella e por guarda uma freira velha, a janella da cella dava justamente para um pátio e dos lados havia uma passagem da largura das cellas e do corredor do convento, viamos tudo de maneira que debicavamos a velha eu perguntei de que servia ellas nos prenderam quando nós estávamos vendo tudo, viamos da janela as freiras pegarem na lanca e no machado p. abrirem os buracos p. enterrarem os caixões, ellas coitadas não podiam tirar nem um pedaço de terra pois o chão todo era socado como se fosse uma taipa (não sei se você sabe o que é taipa? Eu te explico no outro tempo se fazião as paredes das casas de taipa, punhão os taipistas duas tábuas de um lado e do outro conforme a largura da taipa quase sempre era de 4 palmos e nesse caichão irão pondo terra e socando com macetas chamavão mão de socar taipa até que chegasse na borda e assim irão fazendo até chegar a altura que se precisava) de maneira que você bem pode fazer edéa como estava este chão do convento, de repente vi Mamãe pegar no machado, quando Mamãe o deixou cair vimos faíscas de fogo e pedaços de terra saltar, eu fiquei de tal maneira e assim minha sobrinha e uma sobrinha de meo Compadre batíamos palmas na janella e dávamos bravos a Mamãe e eu não pude me conter gritei logo vi que havia de ser Mamãe que havia de abrir os buracos todas as que lá estão são umas moleironas nenhuma tem força como Mamãe, viva as outras faziam coro commigo, a freira que ficou nos vigiando ralhava connosco mas era peor mas nós gritávamos fizemos uma algazarra horrível riámonos como 3 malucas bom tempo foi esse que nada eu pensava senão em rir e brincar! Estivemos assim a rir e acassar com a freira a nossa guarda até Mamãe chegar ellas que acabavam de sair a porteira que vinha chamar a Abadessa que o secretário de Caxias queria falar com ella, lá foi a Abadessa mais morta que viva, d'alli a poucos estantes chegou ella, com o secretário do Caxias, dois guardas, e o tal Compadre: nós estávamos na cella de d. Gertrudes, aonde ella dormia (menos meus irmãos) chegou a porta da cella e disse a Abadessa apresento-lhe a minha tia sra. d. Gertrudes Mãe de meu primo Rafael Tobias de Aguiar, respondeu o secretário do Caxias tenho a honra de conhecer a V. Exa. sinto minha

senhora ser numa occasião tão triste mais sou mandado, d. Gertrudes disse muito obrigado; dahi a Abadessa disse apresento-lhe a minha prima a Marquesa de Santos o moço deu trez passos atrás e ficou na porta e disse Exa. Sra. Marquesa de Santos o sr. Barão de caxias não sabe que V. Excia. Está aqui e V. Exa. há de perdoar o que vou fazer pois houve uma denúncia que o sr. Rafael Tobias estava escondido aqui no convento, se não fosse isto senhoras d'aqui mesmo eu ia dar parte ao sr. Caxias que V. Exa. está aqui pois eu acho escusado revistar o convento porque acho impossível que o sr. Rafael Tobias esteja escondido aonde esta toda a sua família, Mamãe então disse ao secretario do Caxias o sr. faça o que o sr. Caxias lhe mandou fazer peço-lhe somente de antes de sair vir falar commigo, pois não sra. Marquesa as suas ordens serão cumpridas; lá foi elle e Abadessa; nos ficamos todas na cella de D. Gertrudes (minha mãe eu vou saber de tudo) por este homem vou saber quem foi que deu esta denuncia. D. Gertrudes ficou calada e nada disse a Mamãe; chegou o secretário e disse a Mamãe: sra. Marquesa estou às suas ordens Mamãe então foi coma Abadessa para uma sala della, e ahi Mamãe perguntou ao moço quem tinha dado semelhante dennuncia, o moço respondeu que tinha sido o mesmo senhor que o estava acompanhando na revista ao convento, e até queria que os soldados entrassem por força no convento e que elle tinha mandado cruzar as armas na porta e ordem de nenhum entrar; Mamãe disse então à Abadessa: então prima eu não disse que era impossível o sr. Caxias dar ordens de fazer saque no convento? Então o secretário do Caxias disse à Mamãe, sra. Marquesa deixo 2 soldados aporta do convento para que depois que eu sahir não fação alguma, e V. Exa. pode ficar certa que o sr. Caxias ha de ficar muito afflicto por saber que V. Exa. está aqui, vou já dar-lhe parte. Mamãe veio e contou tudo isto a todos da família, o tal sugeito era o mesmo compadre da Abadessa não levou duas horas estava de volta o secretário para dizer à Mamãe que podia ir para a sua casa assim como toda a família do meu compradre, Mamãe foi nesse mesmo dia e nós ainda ficamos com d. Gertrudes, d. Anna também foi com Mamãe mas d. Gertrudes não foi p. casa enquanto Mamãe não lhe viesse dizer no outro dia nós meninos todos fomos na occasião que entrávamos o Caxias mandava dizer à Mamãe que ficasse em casa da irmã casada com Francisco de Barros porque era preciso (bem contra avontade delle Caxias)

dar busca na casa e via-se obrigado a isso pois tinham ido dar uma denúncia não só da casa de d. Gertrudes como da casa do sr. Francisco de Barros, de maneira que tudo estava preparado p. receber os denunciantes e o secretário do Caxias”.

Bibliografia

- AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- BASTOS, Dau. *Machado de Assis. Num recanto, o mundo inteiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BIYNGTON, Silvia Ilg. “Prezados Modernistas” In NEVES, Margarida de Souza, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: DIFEL/Bertrand, 1988.
- COUTINHO, Afrânio (org). *Machado de Assis. Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.
- COUTINHO, Eduardo F. e OLIVEIRA, Tereza Cristina Meireles de. (orgs) *Empréstimo de Ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- COSTA, Antonio José da. *Epilepsia*. Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- DUBY, Georges. “O medo das epidemias” IN: *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- DURÃO, Eduardo Christiano Cupertino. *Epilepsia*. Rio de Janeiro: Typografia de Almeida Marques & C., 1887. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

- GALVÃO, Walnice Nogueira, e GOTLIB, Nádia Battella (orgs). *Prezado Senhor. Prezada Senhora. Estudos Sobre Cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GRAÇA ARANHA (Org.). *Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Toopbooks, 2003.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”.IN: *Mitos. Emblemas. Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” IN: GOMES, Ângela de Castro(org).*Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. “História do Cancro” In *As doenças tem história*. Lisboa: Terramar, 1985.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico. De Rosseau a Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- NEVES, Margarida de Souza. *Em primeira pessoa: Escritos autobiográficos de pacientes com epilepsia no Brasil do século XIX*. Mimeo In www.historiaecultura.pro.br.
- MAUL, Carlos. *Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D.Pedro I e da marquesa de Santos)*. Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942.
- MOTTA, Manuel de Marsilac. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900.
- MOUTINHO, Irene e ELEUTÉRIO, Silvia (orgs). *Machado de Assis. Correspondência de Machado de Assis. Tomo I – 1860 – 1869*. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de letras e Biblioteca Nacional, 2008. Coleção Afrânio Peixoto.

- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do, CARVALHO, Diana Maul de e MARQUES, Rita de Cássia. “O método comparado em história das doenças” IN: *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NERY, Fernando. *Correspondência de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Oficina industrial Gráfica, 1932.
- PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- PEREGRINO JUNIOR. *Doença e Constituição de Machado de Assis*. Coleção Documentos Brasileiros. 2º edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1986.
- PEREIRA, Lúcia de Miguel. *Machado de Assis*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988.
- PINHEIRO GUIMARÃES, Francisco. *Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade*. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e 7 Letras, 2008.
- SANTOS, Maria Aparecida dos. **Relatório PIBIC 2006**. Mimeo In www.historiaecultura.pro.br
- SILVA DIAS, José Lucas da. *Considerações gerais sobre as moléstias hereditárias*. Bahia: Typografia do Correio Mercantil de M. L. Velloso, 1841. Tese apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia.
- SOUZA, Elizeu Clementino de e PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). “Narrativas em processos de pesquisa e formação: escrevendo... Juntando pedacinhos, reconstruindo trajetórias.” In *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.

- STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. (Coleção História e Saúde)
- VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Martins, 1974.
- VIRGILLIO, Carmelo. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969.